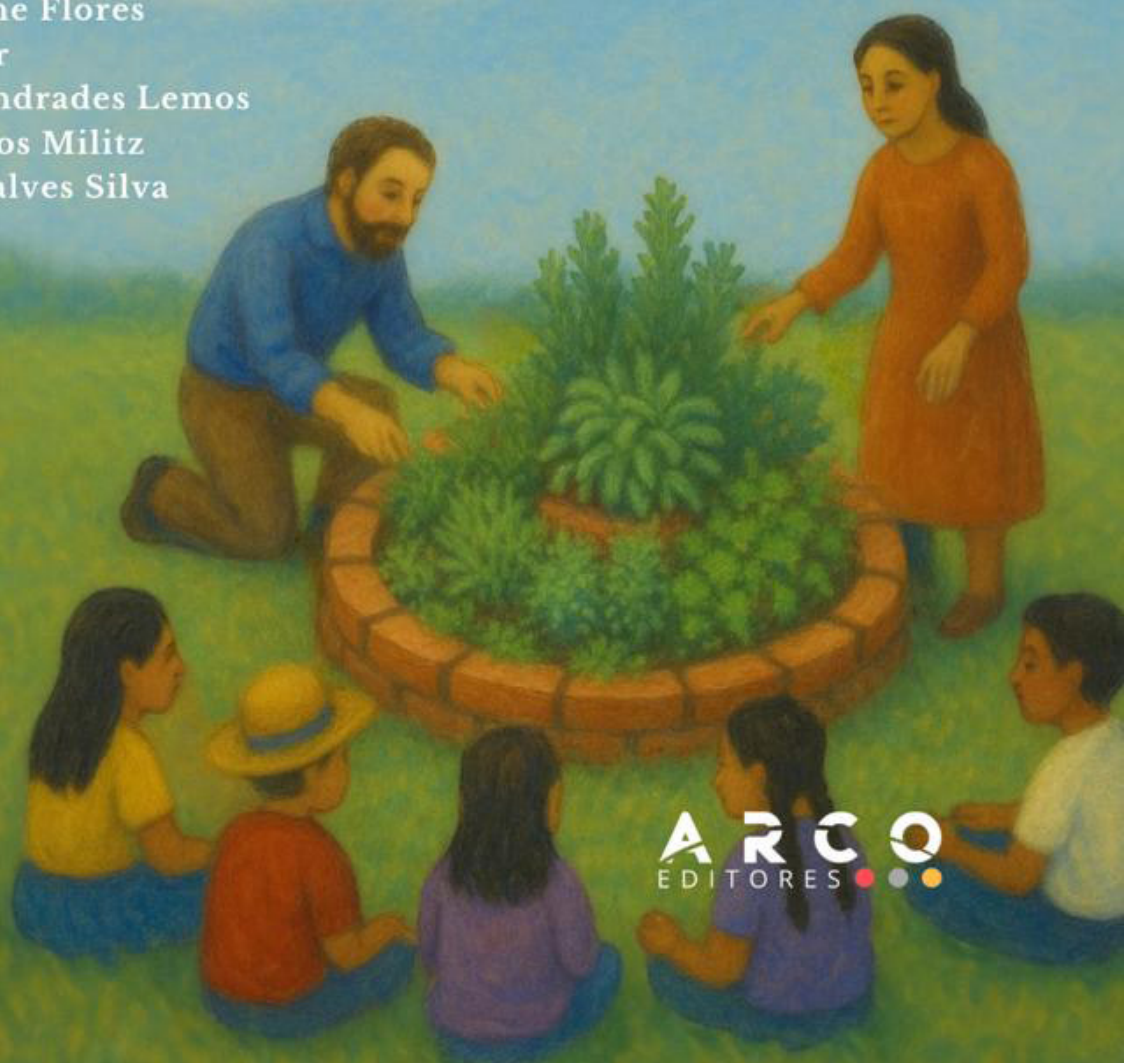


VOZES DO CAMPO:

VOLUME 2

*Histórias de Agricultores
Famíliares e Educação*

Liziany Müller
Carmen Rejane Flores
Ivanio Folmer
Luciane de Andrades Lemos
Marcelo Ramos Militz
Mateus Gonçalves Silva



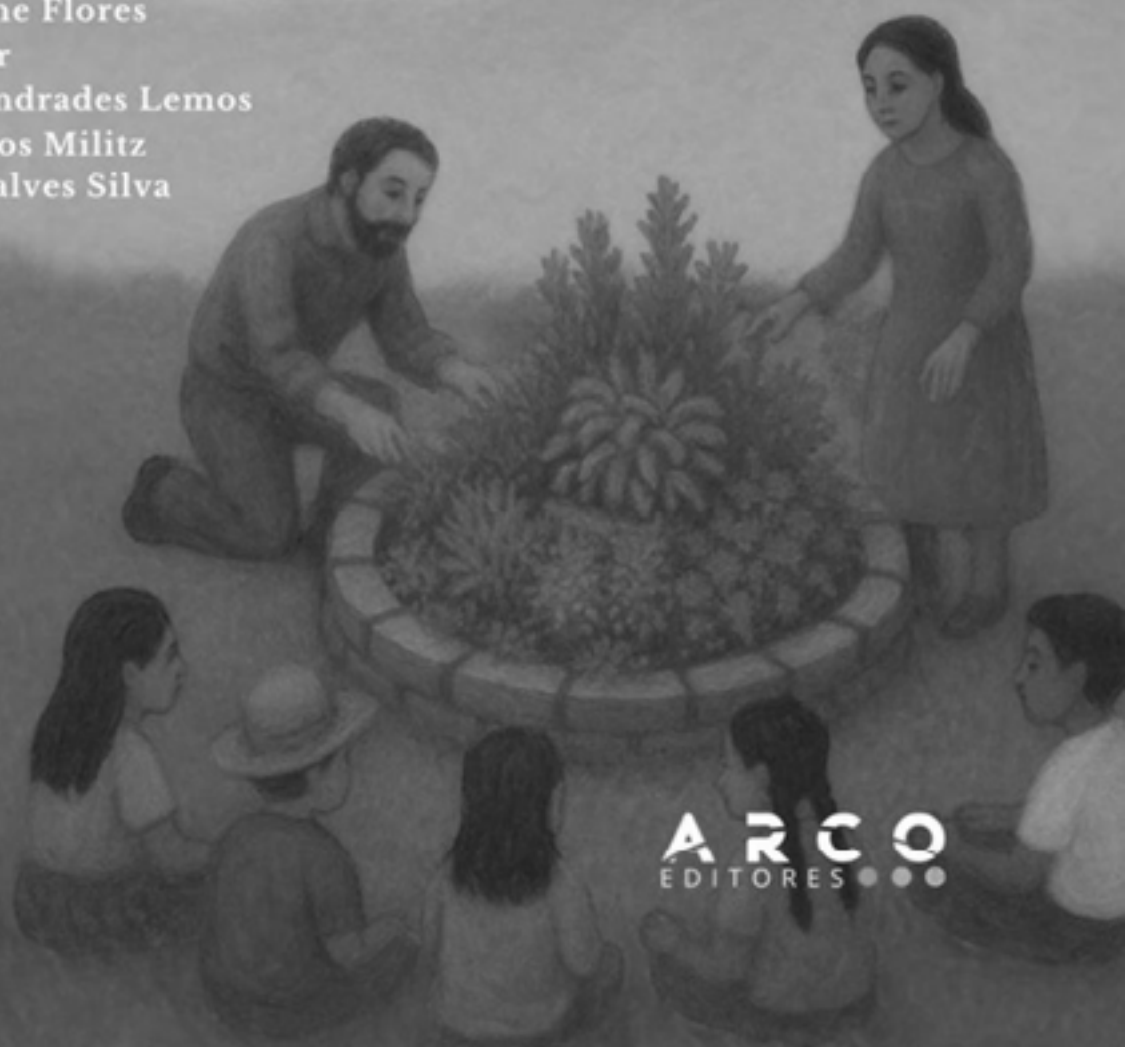
ARCO
EDITORES

VOZES DO CAMPO:

VOLUME 2

*Histórias de Agricultores
Famíliares e Educação*

Liziany Müller
Carmen Rejane Flores
Ivanio Folmer
Luciane de Andrades Lemos
Marcelo Ramos Militz
Mateus Gonçalves Silva



ARCO
EDITORES

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva - UNIDAVI
Prof. Dr. Astor João Schönell Júnior - IFFAR
Prof. Dr. Alan Ricardo Costa - UFRR
Prof. Dr. Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo - UESPI
Profa. Dra. Andréia Bulaty - UNESPAR
Profa. Dra. Carla da Conceição de Lima - UFVJM
Prof. Dr. Camilo Darsie de Souza - UNISC
Profa. Dra. Clarice Caldeira Leite - UFRGS
Profa. Dra. Cecilia Decarli - UFRGS
Prof. Dr. Carlos Adriano Martins - UNICID
Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira - UFCE
Profa. Dra. Dayse Marinho Martins - UFMA
Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos - UEL
Prof. Dr. Dioni Paulo Pastorio - UFRGS
Prof. Dr. Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos - FASESP
Profa. Dra. Elane da Silva Barbosa - UERN
Profa. Dra. Elen Gomes Pereira - IFBA
Profa. Dra. Francielle Benini Agne Tybusch - UFN
Prof. Dr. Francisco Odécio Sales - IFCE
Prof. Dr. Francisco Ricardo Miranda Pinto - UFCAT
Prof. Dr. Gilvan Charles Cerqueira de Araújo - UCB
Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho - UFAL
Prof. Dr. Leonardo Bigolin Jantsch - UFSM
Profa. Dra. Liziany Müller Medeiros - UFSM
Profa. Dra. Marcela Mary José da Silva - UFRB
Prof. Dr. Mateus Henrique Köhler - UFSM
Prof. Dr. Michel Canuto de Sena - UFMS
Profa. Dra. Mônica Aparecida Bortolotti - UNICENTRO
Prof. Nilton David Vilchez Galarza - UPLA
Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza - UEPB
Prof. Dr. Rafael Nogueira Furtado - UFABC
Prof. Dr. Roberto Araújo da Silva Vasques Rabelo - UNISANTOS
Prof. Dr. Rodrigo Toledo - USCS
Prof. Dr. Rodolfo Rodrigues de Souza - UERJ
Prof. Dr. Sidnei Renato Silveira - UFSM
Prof. Dr. Thiago Ribeiro Rafagnin - UFOB
Prof. Dr. Tomás Raúl Gómez Hernández - UCLV

Editor Chefe: Ivanio Folmer

Projeto gráfico e Diagramação: Gabriel Eldereti Machado

Capa: André Filipe de Lima e Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vozes do campo [livro eletrônico] : histórias de agricultores familiares e educação : volume 2 / organização Liziany Müller ... [et al.] ; ilustração Mateus Gonçalves Silva. -- 1. ed. -- Santa Maria, RS : Arco Editores, 2025.

ePub

Outros organizadores: Liziany Müller, Carmen Rejane Flores, Ivanio Folmer, Luciane de Andrades Lemos, Marcelo Ramos Militz

Bibliografia

ISBN 978-65-5417-570-8

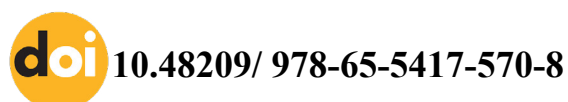
1. Agroecologia 2. Educação – Finalidades e objetivos 3. Educação no campo 4. Inovações educacionais 5. Pesquisa – Estudo e ensino 6. Professores – Formação I. Müller, Liziany. II. Müller, Liziany. III. Flores, Carmen Rejane. IV. Folmer, Ivanio. V. Lemos, Luciane de Andrades. VI. Militz, Marcelo Ramos. VII. Silva, Mateus Gonçalves.

25-311731.0

CDD-370.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação do campo : Formação de professores 370.91



Esta obra foi construída de forma coletiva, reunindo diferentes vozes, experiências e perspectivas. As opiniões expressas nos capítulos são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores e não representam, necessariamente, a posição desta editora. Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.



APRESENTAÇÃO

O livro *“Vozes do Campo: Histórias de Agricultores Familiares e Educação – Volume 2”* nasce do encontro entre conhecimento científico e saber popular, entre a universidade e as comunidades rurais, revelando as múltiplas vozes que constroem uma educação ambiental crítica, emancipadora e enraizada no território. Esta obra reúne os resultados de estudos, vivências e projetos desenvolvidos por estudantes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Modalidade EaD da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Centro de Ciências Rurais (CCR), articulados à disciplina EAD1839 – Educação e Questões Ambientais, sob a orientação de professores, tutores e pesquisadores vinculados ao Grupo de Pesquisa GIRASSOL – Agroecologia, Educação do Campo e Inovações Sociais.

Esta coletânea reflete a trajetória formativa dos estudantes, marcada pela imersão em realidades locais, pela escuta sensível das comunidades e pela reflexão sobre as interdependências entre meio ambiente, cultura e práticas de sustentabilidade. Cada texto representa uma janela para o território, em que o cuidado com a terra, a valorização dos saberes ancestrais e a defesa da vida se entrelaçam em narrativas de resistência, solidariedade e esperança.

A disciplina Educação e Questões Ambientais ocupa papel central no currículo da Licenciatura em Educação do Campo, pois provoca os futuros educadores a compreender o ambiente não apenas como espaço físico ou recurso natural, mas como território de vida e de aprendizagem. Em suas abordagens, são trabalhados temas como agroecologia, justiça socioambiental, políticas públicas, crise climática, consumo sustentável e epistemologias ecológicas. Nesse contexto, os relatos que compõem este volume traduzem o exercício pedagógico de aprender com o território e de fazer da educação ambiental uma prática transformadora.

Ao investigar temas como o uso de plantas medicinais, a preservação dos saberes tradicionais, a sustentabilidade nas feiras e o papel das mulheres como guardiãs da biodiversidade, os estudantes demonstram que a educação ambiental nasce do cotidiano. Ela se faz nas feiras, nas hortas, nas pastorais, nas escolas e nas comunidades — em cada gesto de cuidado com o outro e com a natureza. Essas práticas revelam o sentido ampliado da educação do campo: formar sujeitos capazes de compreender a complexidade ambiental e agir coletivamente na construção de modos de vida mais equilibrados, éticos e sustentáveis.

O volume também reafirma o compromisso da UFSM com uma formação que integra ensino, pesquisa e extensão, promovendo o diálogo entre ciência e tradição, entre universidade e comunidade. Cada estudo aqui apresentado é resultado de um processo de aprendizagem que ultrapassa os limites da sala de aula, conectando os estudantes às realidades locais e estimulando o protagonismo na defesa do meio ambiente.

A escrita deste livro foi, ao mesmo tempo, um exercício de autoria e de pertencimento. Os estudantes tornaram-se pesquisadores de seus territórios, mediadores de saberes e agentes de transformação social. Suas pesquisas dão visibilidade a práticas de sustentabilidade, agroecologia e cuidado coletivo que, muitas vezes, permanecem invisibilizadas nos discursos hegemônicos sobre o desenvolvimento rural.

Assim, *Vozes do Campo – Volume 2* é mais que uma publicação acadêmica: é uma celebração da vida que floresce no campo, das pessoas que resistem e reinventam seus modos de existir frente às crises ambientais e sociais do presente. É também um convite para que a educação ambiental seja compreendida como compromisso ético e político com o futuro — um futuro cultivado na terra, nas escolas e nas comunidades que acreditam que o conhecimento é uma forma de cuidar do planeta.

Que esta leitura inspire novas práticas pedagógicas, desperte sensibilidades e fortaleça o vínculo entre os sujeitos, os territórios e o ambiente. Que

cada relato aqui reunido ajude a reafirmar a esperança no poder transformador da educação e na urgência de reencantar o mundo pela via da sustentabilidade e da solidariedade.

Com estima e gratidão,

Liziany Müller – Curso de Licenciatura em Educação do Campo

Carmen Rejane Flores – Curso de Licenciatura em Educação do Campo

Ivanio Folmer – Curso de Licenciatura em Educação do Campo

Luciane de Andrades Lemos – Grupo de Pesquisa GIRASSOL

Marcelo Ramos Militz – Grupo de Pesquisa GIRASSOL

Mateus Gonçalves Silva – Curso de Licenciatura em Educação do Campo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

AS GUARDIÃS DAS ERVAS: MULHERES, CULTURA E SUSTENTABILIDADE NO CAMPO GAÚCHO.....12

Douglas Max Stopp; Elisandra Fraga Pinheiro; Eloiza Bidet

doi: 10.48209/978-65-5417-570-0

CAPÍTULO 2

CURA, CULTURA E SUSTENTABILIDADE: O SABER DAS ERVAS EM SÃO DOMINGOS DO SUL/RS.....15

Catiane Variani; Gisele Lazzari

doi: 10.48209/978-65-5417-570-1

CAPÍTULO 3

SABEDORIA QUE BROTA NA CIDADE: FITOTERAPIA POPULAR E SUSTENTABILIDADE EM MARABÁ (PA).....17

Cristiane Scheidegger Laia Maia

doi: 10.48209/978-65-5417-570-2

CAPÍTULO 4

QUANDO A NATUREZA ENSINA: PRÁTICAS INTEGRATIVAS E CULTURA POPULAR EM HORIZONTINA/RS.....20

Renee Cajuste; Sirlei Magali Roglin

doi: 10.48209/978-65-5417-570-3

CAPÍTULO 5

ECOLOGIA DE SABERES E SAÚDE POPULAR: A PERMANÊNCIA DAS ERVAS MEDICINAIS EM IJUÍ/RS.....23

Lisiane Michael

doi: 10.48209/978-65-5417-570-4

CAPÍTULO 6

ERVAS, FÉ E COMUNIDADE: A RESISTÊNCIA CULTURAL NA PASTORAL DOS CHÁS DE TRÊS DE MAIO.....26

Daiane Soares Valdameri

doi: 10.48209/978-65-5417-570-5

CAPÍTULO 7

O SABER QUE FLORESCE: PRÁTICAS POPULARES E SUSTENTABILIDADE NO USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM SANTA ROSA/RS.....29

Rosângela Marisa de Bastos

doi: 10.48209/978-65-5417-570-6

CAPÍTULO 8

TRADIÇÃO E CURA: O PATRIMÔNIO DAS ERVAS NO CONTEXTO URBANO DE SANTIAGO.....32

Elisângela Fani Lopes Martins

doi: 10.48209/978-65-5417-570-7

CAPÍTULO 9

CULTURA QUE CURA: A FORÇA DAS PLANTAS MEDICINAIS E DA PASTORAL DA SAÚDE EM SANTIAGO.....34

Edimara Silva da Luz; Derik Becker Pereira; Elizane Maié Andrade; Jean Marco Vargas Lopes; Rafaela da Silva Garcia Becker

doi: 10.48209/978-65-5417-570-9

CAPÍTULO 10

ENTRE FÉ E NATUREZA: O LEGADO DAS ERVAS MEDICINAIS E DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....37

Ana Paula Bolsan Sagrilo; Vera Lúcia Chaves Rosa

doi: 10.48209/978-65-5417-570-A

CAPÍTULO 11

ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: SABERES TRADICIONAIS E POTENCIALIDADES DO USO DE ERVAS MEDICINAIS EM ITAARA/RS40

Everson dos Reis Nunes

doi: 10.48209/978-65-5417-570-B

CAPÍTULO 12

MOEDA SOCIAL E TRANSFORMAÇÃO COMUNITÁRIA: O CASO DA FEIRA DE AGRICULTORES(AS) DE RESTINGA SECA/RS.....43

Guilherme Emanuel Weiss Pinheiro

doi: 10.48209/978-65-5417-570-C

CAPÍTULO 13

ERVAS QUE CURAM E ENSINAM: PATRIMÔNIO CULTURAL E SUSTENTABILIDADE NA COMUNIDADE COXILHA DOS CAMPOS46

Kelin Vitória Cavalheiro Fonseca; Cristiane Conrad de Souza; James Barbosa Pureza
doi: 10.48209/978-65-5417-570-D

CAPÍTULO 14

ENTRE CHÁS E MEMÓRIAS: SABERES POPULARES E RESISTÊNCIA CULTURAL NA COXILHA DAS FLORES (CANGUÇU/RS).....49

Franç Isabão Duarte
doi: 10.48209/978-65-5417-570-E

CAPÍTULO 15

RAÍZES DE CURA: SABERES TRADICIONAIS E SUSTENTABILIDADE NA COMUNIDADE RURAL DE CANGUÇU/RS.....52

Alice Volz Bohm; Daiana Schmidt Peter
doi: 10.48209/978-65-5417-570-F

CAPÍTULO 16

SABEDORIA POPULAR E SUSTENTABILIDADE: O VALOR DAS PLANTAS MEDICINAIS NO TERRITÓRIO RURAL DE CANGUÇU/RS55

Erasmus Bonotto; Itatiara Bergmann Medeiros; Luana Rickes Prestes; Reginalda Bergmann Medeiros
doi: 10.48209/978-65-5417-570-G

CAPÍTULO 17

ERVAS ANCESTRAIS E SUA COMERCIALIZAÇÃO: ENTRE SABERES TRADICIONAIS, ESPIRITUALIDADE E MERCADO EM SÃO GABRIEL/RS.....58

Arthur Phillyp de Lima Brito; Ana Paula da Silva Lima
doi: 10.48209/978-65-5417-570-H

CAPÍTULO 18

PLANTAS MEDICINAIS E CULTURA POPULAR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO CONSUMO SUSTENTÁVEL EM SÃO GABRIEL/RS61

Fernanda Xavier Vieira; Carmen Silvia Rodrigues Moraes
doi: 10.48209/978-65-5417-570-I

CAPÍTULO 19

DESAFIOS PARA A PRESERVAÇÃO DOS SABERES POPULARES SOBRE PLANTAS MEDICINAIS EM SÃO GABRIEL/RS.....64

Maria Cecília Parodes de Ávila; Maria Eugênia Parodes de Ávila

doi: 10.48209/978-65-5417-570-J

CAPÍTULO 20

BIODIVERSIDADE E CURA: AS ERVAS MEDICINAIS COMO PATRIMÔNIO DO PAMPA GAÚCHO.....67

Ana Paula de Souza Vivian; Dinarte Teixeira Júnior; Dirlene Isabel Pedroso de Oliveira;
Juliana dos Santos Lima

doi: 10.48209/978-65-5417-570-L

CAPÍTULO 1

AS GUARDIÃS DAS ERVAS: MULHERES, CULTURA E SUSTENTABILIDADE NO CAMPO GAÚCHO

Douglas Max Stopp
Elisandra Fraga Pinheiro
Eloiza Bidel

Doi: 10.48209/978-65-5417-570-0

O presente trabalho aborda a relevância dos saberes milenares das mulheres e suas conexões com o uso e cultivo das ervas medicinais no meio rural. A pesquisa tem como propósito valorizar o papel histórico, cultural e social das mulheres na manutenção e transmissão desses conhecimentos, ressaltando a dimensão simbólica, terapêutica e identitária que permeia o uso das plantas medicinais nas comunidades do interior. Ao longo da história, as mulheres foram as principais guardiãs do conhecimento sobre as ervas, exercendo protagonismo nas práticas de cura e no cuidado com a família e a comunidade. O estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa e descritiva, com base em entrevistas semiestruturadas realizadas com três mulheres — uma produtora e duas consumidoras —, residentes nos municípios de Santa Maria, Paraíso do Sul e Nova Palma, Rio Grande do Sul. A coleta de dados, realizada entre março e maio de 2025, buscou compreender as experiências, motivações e saberes que orientam o uso de plantas medicinais, além de registrar o papel das mulheres na perpetuação dessas práticas. Os resultados indicam que o conhecimento sobre as ervas medicinais é sustentado pela oralidade e pela memória afetiva. Em muitos casos, o saber é herdado de mães e avós e se mantém vivo por meio do cotidiano, da convivência familiar e do cuidado com a terra. As entrevistadas relataram experiências de vida marcadas pela autonomia e pela resistência cultural, destacando o uso das plantas como alternativa terapêutica e prática agroecológica. As ervas mais mencionadas foram calêndula, lavanda, alecrim, guaco, carqueja, manjerição e marcela, utilizadas tanto para o preparo de chás

e infusões quanto na produção artesanal de pomadas, sabonetes e xaropes. A produtora Rosiéle Ludtke, de Paraíso do Sul, exemplifica o protagonismo feminino no uso sustentável das plantas medicinais. Sua produção é agroecológica e voltada à economia solidária, participando de feiras locais e regionais, como o Feirão Colonial de Santa Maria. Rosiéle destaca que as práticas de cultivo e beneficiamento são guiadas por princípios de respeito à natureza e de equilíbrio entre produção e cuidado ambiental. Ela identifica a desinformação e a falta de reconhecimento das práticas tradicionais como os principais desafios à expansão do uso de ervas medicinais, defendendo políticas públicas que promovam sua valorização e regulamentação. As consumidoras entrevistadas reforçam a dimensão simbólica e afetiva associada às ervas. Maria, 62 anos, relatou que o uso de chás e infusões é um legado de sua mãe e parte de sua rotina de autocuidado. Em sua narrativa, o aroma da marcela e o ritual do preparo dos chás evocam lembranças da infância, reforçando a relação entre o conhecimento e a memória sensorial. Já Marisa Belle Bertoldo, 52 anos, fisioterapeuta e moradora de Nova Palma, destacou o vínculo entre seu trabalho com saúde e o uso das plantas medicinais, promovendo práticas integrativas e complementares (PICS) no posto de saúde local. Seu relato mostra a integração entre tradição e ciência, ampliando o diálogo entre os saberes populares e a saúde pública. As experiências das três mulheres entrevistadas revelam que o uso das plantas medicinais é, além de uma prática terapêutica, uma forma de resistência cultural e de empoderamento feminino. O saber das ervas é um conhecimento herdado, mas também recriado continuamente nas práticas do cotidiano. Ele conecta o passado e o presente, reafirmando a importância do papel das mulheres como guardiãs da biodiversidade e promotoras de uma saúde mais natural, acessível e sustentável. As entrevistas também evidenciam o crescimento do interesse social pelas práticas alternativas e pela fitoterapia. A pandemia da COVID-19 impulsionou essa busca, promovendo um retorno ao natural e o reconhecimento do valor das ervas na prevenção de doenças e no fortalecimento da imunidade. Entretanto, a ausência de políticas de incentivo e de programas educativos voltados à fitoterapia ainda limita a ampliação dessas práticas. A pesquisa reforça que o uso das plantas medicinais ultrapassa o campo da saúde, articulando di-

mensões históricas, culturais, ecológicas e espirituais. Ao resgatar os relatos e experiências dessas mulheres, evidencia-se que o saber sobre as ervas constitui um patrimônio imaterial coletivo, que integra a história da agricultura familiar e da educação do campo. Preservar esses conhecimentos é essencial para garantir sua continuidade e inspirar novas gerações a reconhecerem a riqueza dos saberes tradicionais. Conclui-se que as mulheres, ao cultivarem e transmitirem o conhecimento sobre as plantas medicinais, exercem papel essencial na promoção da saúde e na manutenção da cultura popular. Sua sabedoria milenar, expressa no cuidado com o corpo, a terra e a comunidade, reafirma a importância da educação do campo como espaço de valorização dos saberes locais e de fortalecimento das práticas sustentáveis.

Palavras-chave: Ervas medicinais; Saberes tradicionais; Mulheres rurais; Agroecologia; Saúde popular.

CAPÍTULO 2

CURA, CULTURA E SUSTENTABILIDADE: O SABER DAS ERVAS EM SÃO DOMINGOS DO SUL/RS

Catiane Variani

Gisele Lazzari

Doi: 10.48209/978-65-5417-570-1

O presente trabalho busca compreender a relevância cultural e educativa das práticas populares de uso de plantas medicinais, tendo como referência a Feira Municipal de Saúde de São Domingos do Sul/RS, realizada em 5 de abril de 2025. O estudo parte da constatação de que as ervas e chás medicinais têm sido utilizados desde os primórdios da civilização humana como importantes recursos terapêuticos e simbólicos. Essa tradição, profundamente enraizada nas comunidades rurais do sul do Brasil, expressa um modo de vida baseado na reciprocidade com a natureza e na valorização do saber transmitido entre gerações. A pesquisa, de natureza qualitativa e descritiva, teve como foco principal o resgate do conhecimento popular sobre o uso das plantas medicinais e a observação das práticas educativas promovidas durante a Feira. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com consumidores e vendedores locais, além de registros fotográficos e análises das atividades desenvolvidas. A Feira Municipal de Saúde contou com a participação da Administração Pública Municipal, da Secretaria de Saúde, da Secretaria de Educação, da Emater, do Sesc Passo Fundo, da UPF, de profissionais da odontologia, nutrição, enfermagem e fonoaudiologia, entre outros. O evento reuniu iniciativas de promoção à saúde e de valorização do saber tradicional, integrando a comunidade em um espaço de aprendizado e convivência intergeracional. Entre as atividades mais expressivas, destacaram-se as exposições de ervas medicinais, a distribuição de chás e mudas, a demonstração do preparo de infusões, sachês e bolsas térmicas de sementes, e as práticas de escalda-pés e massagens naturais. O público pôde conhecer os benefícios terapêuticos das plantas, como calmantes, anti-inflamatórias e digestivas, e aprender sobre formas seguras de cultivo e preparo. A feira

também incluiu ações educativas sobre alimentação saudável, higiene bucal e autocuidado, reforçando o diálogo entre educação, saúde e sustentabilidade. As entrevistas revelaram que o uso das plantas medicinais é uma prática viva e significativa na comunidade, mantida sobretudo pelas mulheres, que desempenham papel central na transmissão intergeracional dos saberes. O conhecimento é repassado oralmente e está associado à fé, à observação da natureza e à experimentação empírica. Plantas como camomila, macela, guaco, marcela, hortelã, poejo, espinheira-santa e carqueja são amplamente utilizadas para o tratamento de gripes, resfriados, dores estomacais, inflamações e insônia. Os depoimentos de Maristella Finatto Ferro, Maria Dirce Srech e Zenittonus Parisotto evidenciam o quanto esses saberes constituem um patrimônio cultural e imaterial. Além de fornecerem cuidado e equilíbrio físico, as ervas fortalecem o vínculo comunitário e a identidade local, funcionando como instrumento de resistência diante da crescente industrialização dos hábitos de consumo. Para muitos entrevistados, o conhecimento sobre as plantas medicinais é também uma fonte de renda e autonomia, especialmente nas feiras e em pequenos empreendimentos familiares. Entretanto, observou-se que o interesse das novas gerações tem diminuído, em razão do distanciamento do meio rural e da medicalização da vida cotidiana. Os entrevistados apontaram como principais desafios a burocratização imposta pela Anvisa para comercialização dos chás e a necessidade de políticas públicas de incentivo à fitoterapia popular, à produção agroecológica e à valorização dos saberes tradicionais. Do ponto de vista educacional, o trabalho destaca a importância de integrar o tema das ervas medicinais às práticas pedagógicas e às ações de educação ambiental e em saúde. Oficinas escolares, hortas pedagógicas e projetos interdisciplinares podem aproximar os jovens desse conhecimento, articulando ciência, cultura e sustentabilidade. Conclui-se que a Feira Municipal de Saúde de São Domingos do Sul representou muito mais do que um evento de promoção à saúde — foi um ato de valorização cultural e educativa, reafirmando a força das comunidades rurais e o papel transformador dos saberes tradicionais. O resgate dessas práticas contribui não apenas para a preservação da biodiversidade e da memória coletiva, mas também para a construção de um modelo de saúde mais humano, acessível e sustentável.

Palavras-chave: Plantas medicinais; Saberes tradicionais; Feira de saúde; Sustentabilidade; Educação ambiental.

CAPÍTULO 3

SABEDORIA QUE BROTA NA CIDADE: FITOTERAPIA POPULAR E SUSTENTABILIDADE EM MARABÁ (PA)

Cristiane Scheidegger Laia Maia
Doi: 10.48209/978-65-5417-570-2

O presente estudo tem como objetivo analisar os saberes e práticas relacionadas ao consumo e à comercialização de plantas medicinais em contexto urbano, investigando os desafios e as potencialidades da fitoterapia popular como prática de saúde e resistência cultural na cidade de Marabá (PA). A pesquisa, de natureza qualitativa e descritiva, foi desenvolvida por meio de estudo de caso, com entrevistas semiestruturadas aplicadas a uma consumidora e a uma vendedora de plantas medicinais atuantes no município. As entrevistas evidenciaram que o conhecimento sobre o uso terapêutico das plantas é transmitido majoritariamente pela oralidade familiar, consolidando-se como patrimônio imaterial que atravessa gerações. A consumidora entrevistada relatou o uso constante de espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia*), hortelã (*Mentha piperita*) e capim-santo (*Cymbopogon citratus*), especialmente na forma de chás, para o tratamento de distúrbios digestivos, dores leves e insônia. Tais espécies representam não apenas remédios naturais acessíveis, mas também símbolos de pertencimento cultural e espiritual, expressando o vínculo entre as pessoas e a natureza. A vendedora, com mais de 20 anos de experiência no comércio de plantas medicinais, relatou trabalhar com mais de 200 espécies, adquiridas por meio de fornecedores regionais. Observou que a procura aumenta durante as mudanças de estação e que o público mais idoso é o principal consumidor, enquanto os jovens demonstram menor envolvimento com o tema. Entre as principais dificuldades enfrentadas estão a falta de reconhecimento institucional, a burocracia imposta pelos órgãos de vigilância sanitária e a ausência de políticas públicas que incentivem a fitoterapia como prática complementar de saúde. A

análise revela que fatores como urbanização, medicalização da vida, influência da mídia e desvalorização do saber popular têm contribuído para o enfraquecimento da transmissão intergeracional desses conhecimentos. Entretanto, mesmo diante dessas adversidades, as práticas relacionadas ao uso e à comercialização de plantas medicinais persistem, reafirmando a vitalidade dos saberes tradicionais e sua relevância social. Os relatos coletados reforçam a centralidade das mulheres como guardiãs do conhecimento medicinal, responsáveis por cultivar, preparar e transmitir o uso das ervas. Essa dimensão de gênero revela que o saber fitoterápico está profundamente associado ao cuidado familiar e à prática educativa cotidiana, transformando-se em espaço de resistência cultural e de empoderamento feminino. Do ponto de vista educacional, o estudo demonstra a importância de incluir o tema das plantas medicinais e saberes tradicionais nas práticas pedagógicas e nas políticas de educação ambiental e saúde comunitária. Oficinas escolares, feiras de trocas de sementes e programas de extensão podem atuar como pontes entre o saber popular e o conhecimento científico, fortalecendo a consciência ecológica e o protagonismo das comunidades urbanas. No âmbito das políticas públicas, o reconhecimento da fitoterapia como prática integrativa e complementar no Sistema Único de Saúde (SUS) representa um avanço, mas sua efetivação ainda é limitada. A regulamentação recente do Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (Decreto nº 12.026/2024) reforça a necessidade de integrar a produção e o uso tradicional das ervas às políticas de saúde e sustentabilidade, garantindo sua aplicação segura e valorizada dentro das comunidades. A pesquisa evidencia que a fitoterapia urbana em Marabá mantém uma dupla dimensão: é, ao mesmo tempo, uma prática de cuidado com o corpo e um gesto de resistência cultural frente à padronização dos modos de vida. As plantas medicinais revelam-se como elo entre passado e presente, ciência e tradição, indivíduo e território. Sua valorização representa não apenas o resgate de uma herança ancestral, mas também um ato de sustentabilidade social, essencial à preservação da diversidade cultural e ecológica do país. Conclui-se que os saberes tradicionais sobre plantas medicinais, mesmo diante das transformações urbanas, continuam a desempe-

nhar papel vital na promoção da saúde coletiva e na construção de identidades locais. Sua continuidade depende de ações integradas entre educação, ciência e políticas públicas, capazes de reconhecer e proteger esse patrimônio imaterial que resiste e floresce nas mãos de quem transforma o simples ato de fazer um chá em um gesto de sabedoria e cuidado.

Palavras-chave: Saberes populares; Fitoterapia urbana; Transmissão intergeracional; Sustentabilidade cultural; Saúde comunitária.

CAPÍTULO 4

QUANDO A NATUREZA ENSINA: PRÁTICAS INTEGRATIVAS E CULTURA POPULAR EM HORIZONTINA/RS

Renee Cajuste

Sirlei Magali Roglin

Doi: 10.48209/978-65-5417-570-3

O presente trabalho tem como objetivo analisar e valorizar os saberes populares sobre o uso de plantas medicinais no Bairro Paraíso, em Horizontina/RS, buscando compreender como esses conhecimentos se mantêm vivos e podem ser integrados às práticas educativas e comunitárias no contexto da Educação do Campo. O estudo partiu do reconhecimento de que o uso das plantas medicinais é uma prática ancestral, transmitida oralmente entre gerações e profundamente ligada à identidade cultural, à espiritualidade e à sustentabilidade das comunidades rurais. De natureza qualitativa e de caráter exploratório, a pesquisa foi desenvolvida entre março e maio de 2025 e utilizou como método o estudo de caso, associado à pesquisa-ação. Foram realizadas entrevistas estruturadas com moradores e comerciantes locais, atividades escolares com estudantes da Educação Básica e uma oficina prática com mulheres acompanhadas pela Estratégia Saúde da Família (ESF) rural. Essa metodologia buscou promover o diálogo entre o conhecimento popular e o científico, unindo escola, comunidade e serviços de saúde. Os resultados demonstram que o uso de plantas medicinais permanece fortemente enraizado na comunidade, especialmente entre mulheres adultas e idosas, que exercem papel central como guardiãs do saber tradicional. Espécies como boldo, guaco, camomila, erva-cidreira e carqueja são amplamente utilizadas no tratamento de problemas digestivos, respiratórios, ansiosos e inflamatórios, e também em rituais simbólicos de proteção espiritual. As entrevistadas destacaram que aprenderam essas práticas com pais e avós, o que reforça a transmissão intergeracional de saberes e a importância

da oralidade como forma de preservação cultural. Durante a oficina prática, foi produzido um spray natural para garganta utilizando própolis, sálvia, hortelã e mel, sob orientação técnica da equipe da ESF e participação ativa das moradoras. A atividade proporcionou trocas de experiências, aprendizado coletivo e fortalecimento do senso comunitário, evidenciando o potencial das práticas integrativas como instrumento de promoção da saúde e educação popular. Além disso, observou-se um ambiente de acolhimento e solidariedade, especialmente entre as participantes em tratamento de saúde, que encontraram no grupo um espaço de partilha e cuidado mútuo. Nas ações pedagógicas com os estudantes da Educação Básica, o projeto estimulou o resgate dos saberes familiares sobre plantas medicinais, com a criação de hortas sustentáveis em garrafas PET e a elaboração de cartazes educativos. Essas atividades possibilitaram integrar conteúdos de Ciências, História e Educação Ambiental, alinhando-se às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e promovendo o aprendizado contextualizado e significativo. O envolvimento das famílias fortaleceu os laços entre escola e comunidade, favorecendo a valorização da cultura local e o respeito à biodiversidade. O estudo também identificou desafios para a continuidade e o fortalecimento dessas práticas. A falta de tempo, a urbanização e a influência da medicina farmacêutica têm contribuído para a diminuição da transmissão dos saberes entre as gerações mais jovens. Contudo, há sinais de retomada do interesse pelas terapias naturais, impulsionado por movimentos de agroecologia, sustentabilidade e políticas públicas de saúde que reconhecem as Práticas Integrativas e Complementares (PICS) no Sistema Único de Saúde. A experiência desenvolvida no Bairro Paraíso revelou que a integração entre saberes populares, escola e políticas públicas constitui um caminho promissor para o fortalecimento da Educação do Campo e da saúde comunitária. As oficinas e atividades formativas evidenciaram que o conhecimento empírico, quando articulado ao científico, amplia a autonomia terapêutica, estimula práticas sustentáveis e reforça a identidade coletiva das comunidades rurais. Conclui-se que o uso de plantas medicinais representa mais do que uma prática terapêutica — trata-se de um patrimônio cultural e ecológico, que conecta tradição e

inovação. A incorporação desses saberes no currículo da Educação do Campo contribui para formar sujeitos críticos e conscientes de seu território, capazes de valorizar a biodiversidade e os modos de vida locais. Assim, o resgate das práticas de fitoterapia popular reafirma a importância do diálogo entre universidade, escola e comunidade na construção de uma educação emancipadora, sustentável e enraizada na vida.

Palavras-chave: Plantas medicinais; Saberes tradicionais; Educação do Campo; Saúde popular; Sustentabilidade.

CAPÍTULO 5

ECOLOGIA DE SABERES E SAÚDE POPULAR: A PERMANÊNCIA DAS ERVAS MEDICINAIS EM IJUÍ/RS

Lisiane Michael

Doi: 10.48209/978-65-5417-570-4

O presente estudo tem como objetivo analisar as práticas e percepções relacionadas ao uso de plantas medicinais no município de Ijuí/RS, buscando compreender como os saberes tradicionais dialogam com os conhecimentos científicos e quais são os desafios contemporâneos para sua valorização e permanência. A investigação parte da premissa de que o uso de plantas medicinais constitui uma prática ancestral, transmitida oralmente entre gerações, especialmente em comunidades rurais, onde a experiência cotidiana e a convivência com a natureza são fundamentais para a preservação desses saberes. A pesquisa, de natureza qualitativa, foi desenvolvida no primeiro semestre de 2025 como parte das atividades formativas do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com duas moradoras do município: uma farmacêutica e uma usuária tradicional, ambas com ampla experiência no uso e difusão de plantas medicinais. As entrevistas foram transcritas e analisadas segundo uma abordagem hermenêutica crítica, articulando referenciais de Paulo Freire, Boaventura de Sousa Santos, Michel Foucault e Pierre Bourdieu para compreender as dimensões epistemológicas, simbólicas e sociais dos discursos sobre saúde e saber popular. Os depoimentos revelam que o uso das plantas medicinais permanece fortemente presente na vida cotidiana das entrevistadas, expressando um saber intergeracional que combina a tradição oral com novos aprendizados obtidos em cursos, oficinas e formações acadêmicas. As espécies mais citadas foram camomila, gengibre, malva, stévia, marcela, espinheira-santa, mil-em-rama e cavalinha, utilizadas em chás, xa-

ropes e pomadas caseiras. As entrevistadas destacam que aprenderam sobre o uso das ervas com familiares, especialmente mães e avós, evidenciando a importância da oralidade e do vínculo afetivo na transmissão desse conhecimento. A análise mostra que, embora o uso de plantas medicinais continue popular, ele enfrenta processos de desvalorização simbólica, decorrentes da hegemonia da medicina farmacêutica-industrial e da hierarquia entre o capital científico e o saber popular. Essa desigualdade epistêmica, interpretada à luz de Bourdieu, reflete uma estrutura social em que o conhecimento tradicional é frequentemente visto como inferior ou não científico, o que contribui para o seu enfraquecimento. Ainda assim, o estudo evidencia que as práticas locais resistem a essa marginalização, configurando-se como formas de sabedoria e resistência cultural, conforme aponta Foucault, ao propor que o saber popular sobrevive mesmo diante dos discursos de poder institucionalizados. As entrevistadas apontam a falta de interesse das novas gerações como um dos principais desafios para a continuidade dessas práticas. A urbanização e o estilo de vida acelerado contribuem para o afastamento dos jovens do campo e para a ruptura com o convívio direto com as plantas e o território. Essa perda de vínculo, entretanto, pode ser mitigada por meio da Educação do Campo e de espaços de educação popular, onde o saber tradicional possa dialogar com o conhecimento científico de forma horizontal e participativa, como defendido por Paulo Freire. Entre as potencialidades identificadas, destacam-se a existência de hortas comunitárias, o cultivo doméstico e o fortalecimento de projetos de extensão universitária que valorizem a fitoterapia e a agroecologia. A ecologia de saberes, conceito desenvolvido por Boaventura de Sousa Santos, emerge como uma perspectiva fecunda para repensar a relação entre ciência e tradição, propondo o reconhecimento e a articulação de diferentes racionalidades como caminhos para a sustentabilidade e a justiça cognitiva. Os resultados permitem afirmar que o uso de plantas medicinais em Ijuí/RS constitui um patrimônio cultural vivo, que articula elementos de fé, identidade e pertencimento. Sua permanência depende do fortalecimento de políticas públicas e educacionais que promovam o respeito aos saberes tradicionais e

incentivem práticas comunitárias e interdisciplinares de cuidado. Assim, as plantas medicinais são compreendidas não apenas como recursos terapêuticos, mas como expressões de resistência cultural, epistemológica e ecológica, representando uma alternativa ética e sustentável diante da lógica dominante da medicalização e do consumo. Conclui-se que o diálogo entre saberes populares e científicos é fundamental para a construção de uma sociedade mais plural, justa e solidária. A valorização das práticas tradicionais de uso das ervas requer um olhar sensível, capaz de reconhecer o valor pedagógico, social e ambiental desses conhecimentos, reafirmando a importância da Educação do Campo e da extensão universitária na promoção de uma ecologia de saberes comprometida com a vida, a cultura e a sustentabilidade.

Palavras-chave: Plantas medicinais; Saberes tradicionais; Educação do Campo; Ecologia de saberes; Saúde popular.

CAPÍTULO 6

ERVAS, FÉ E COMUNIDADE: A RESISTÊNCIA CULTURAL NA PASTORAL DOS CHÁS DE TRÊS DE MAIO

Daiane Soares Valdameri

Doi: 10.48209/978-65-5417-570-5

O presente estudo analisa as práticas de comercialização e o uso das plantas medicinais na comunidade de Três de Maio/RS, com enfoque na atuação da Pastoral dos Chás, iniciativa que alia fé, solidariedade e saberes tradicionais na produção e distribuição de remédios naturais. A investigação busca compreender de que modo esses conhecimentos ancestrais, transmitidos oralmente entre gerações, mantêm-se vivos em um contexto social marcado pela modernização, pela medicalização da vida e pela perda progressiva dos vínculos culturais com a natureza. De natureza qualitativa e descritiva, a pesquisa fundamentou-se em revisão bibliográfica e em entrevistas com consumidores locais e com a coordenadora da Pastoral, destacando a relação entre o saber popular e a ciência no uso terapêutico das ervas. O estudo revelou que o uso das plantas medicinais está diretamente ligado à ancestralidade e à tradição oral das famílias. As espécies mais mencionadas — camomila, cidreira, açafraão e orégano — são utilizadas em chás, infusões e temperos caseiros, evidenciando que o conhecimento sobre seus benefícios é adquirido sobretudo por meio da convivência familiar ou de cursos populares. Os entrevistados destacaram que aprenderam com mães e avós o preparo das plantas e reconhecem nelas alternativas eficazes para o tratamento de males cotidianos, como gripes e distúrbios digestivos. Contudo, observou-se uma preocupação recorrente com a perda desse saber tradicional, principalmente entre as gerações mais jovens, que demonstram menor interesse em reproduzir tais práticas, substituindo-as por medicamentos industrializados e soluções farmacêuticas rápidas. Essa constatação reforça o alerta sobre o risco de desaparecimento de uma herança cultural e terapêutica profundamente

enraizada no modo de vida das comunidades rurais. A Pastoral dos Chás, por sua vez, constitui-se em um espaço de fé, solidariedade e cuidado coletivo. Coordenada por mulheres da comunidade, a Pastoral atua há quase três décadas na fabricação artesanal de xaropes, pomadas, extratos e chás, utilizando produtos naturais cultivados e coletados na própria região. O trabalho é realizado de forma voluntária, sem fins lucrativos, e os recursos obtidos com as vendas são revertidos em ações sociais, como doações ao Lar dos Idosos. Sua missão ultrapassa o campo da religiosidade, configurando-se como prática pedagógica e comunitária que une ciência, espiritualidade e ancestralidade. A coordenadora da Pastoral enfatiza que “não se trata da venda pela venda, mas de um propósito de vida”, voltado à partilha de saberes e à preservação da biodiversidade. A produção baseia-se em princípios agroecológicos, com o uso sustentável dos recursos naturais e a troca de insumos entre os próprios integrantes da comunidade. Essa dinâmica reforça o valor simbólico e educativo das ervas, ao mesmo tempo em que fortalece a economia local e o sentimento de pertencimento coletivo. Os resultados também indicam que o trabalho desenvolvido pela Pastoral tem um papel pedagógico fundamental: além de distribuir produtos naturais, promove a educação em saúde, a valorização do saber popular e o fortalecimento da identidade cultural. As oficinas, trocas de experiências e momentos de espiritualidade realizados com a comunidade funcionam como espaços de formação e conscientização, aproximando o saber tradicional do conhecimento científico e promovendo um cuidado integral com o ser humano — corpo, mente e espírito. Apesar de sua relevância social e simbólica, a pesquisa identificou desafios estruturais que dificultam a continuidade e expansão dessas práticas, como a escassez de jovens engajados, a ausência de políticas públicas de incentivo à fitoterapia comunitária e as limitações legais impostas à comercialização de produtos artesanais. Ainda assim, o compromisso voluntário e solidário das integrantes da Pastoral mantém vivo um modelo alternativo de economia e saúde, pautado no cuidado mútuo, na ética cristã e no respeito à natureza. Conclui-se que o uso e a comercialização de plantas medicinais em Três de Maio/RS, mediadas pela Pastoral dos Chás, representam uma expressão concreta de

resistência cultural e espiritual, sustentada pela ancestralidade e pela busca por modos de vida mais saudáveis e solidários. Ao integrar fé, ciência e tradição, a Pastoral reafirma o papel das práticas comunitárias de saúde como ferramentas de transformação social e preservação do patrimônio imaterial das comunidades rurais. Assim, torna-se símbolo da educação do campo em ação, onde o saber local se converte em conhecimento científico, e o cuidado com a terra se reflete no cuidado com a vida.

Palavras-chave: Plantas medicinais; Saberes tradicionais; Pastoral dos Chás; Educação do Campo; Ancestralidade.

CAPÍTULO 7

O SABER QUE FLORESCE: PRÁTICAS POPULARES E SUSTENTABILIDADE NO USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM SANTA ROSA/RS

Rosângela Marisa de Bastos
Doi: 10.48209/978-65-5417-570-6

O presente trabalho analisa o uso e a comercialização de plantas medicinais na comunidade de Santa Rosa/RS, com o objetivo de compreender as relações entre saberes tradicionais, práticas terapêuticas e sustentabilidade. A pesquisa destaca o papel das feiras livres como espaços de preservação cultural, socialização de saberes e geração de renda para famílias agricultoras, especialmente no contexto da agricultura familiar e da Educação do Campo. A investigação foi desenvolvida entre abril e maio de 2025, com base em entrevistas semiestruturadas realizadas com um vendedor e uma consumidora de plantas medicinais na feira local. A metodologia qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, buscou identificar as principais espécies utilizadas, suas aplicações terapêuticas, formas de preparo e percepções dos entrevistados sobre o valor simbólico e econômico das ervas. Os resultados indicam que o uso das plantas medicinais é uma prática amplamente difundida na comunidade, especialmente entre as gerações mais velhas, que preservam o conhecimento ancestral transmitido oralmente. As espécies mais citadas — camomila, hortelã, boldo e erva-doce — são utilizadas no tratamento de problemas digestivos, dores leves, cólicas e ansiedade. Outras espécies, como espinheira-santa, guaco, alecrim e carqueja, aparecem com destaque por seus efeitos anti-inflamatórios, expectorantes e calmantes. O levantamento totalizou 30 espécies com usos medicinais diversos, demonstrando a riqueza botânica e cultural da região. O vendedor entrevistado revelou um conhecimento empírico aprofundado sobre as propriedades das plantas e seus modos de preparo, enquanto a consumidora relatou uti-

liza-las como complemento aos tratamentos convencionais, reconhecendo sua eficácia natural e o baixo custo em relação aos medicamentos industrializados. No entanto, observou-se falta de informações sobre dosagens, contraindicações e interações medicamentosas, o que reforça a necessidade de ações educativas e orientações técnicas para garantir o uso seguro e eficaz dessas plantas. O estudo destaca que o comércio de plantas medicinais nas feiras de Santa Rosa é predominantemente familiar e artesanal, caracterizado pela ausência de padronização de qualidade e certificação sanitária. As plantas são adquiridas de terceiros ou cultivadas pelos próprios vendedores, sem controle sistemático de origem, armazenamento ou validade. Essa informalidade, embora mantenha viva a economia local, expõe limitações estruturais e a urgência de políticas públicas que promovam a formação, regularização e valorização dos feirantes. A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) e as diretrizes da ANVISA oferecem caminhos para fortalecer essa integração entre saber popular e ciência, garantindo segurança e valorização dos produtos tradicionais. Do ponto de vista sociocultural, a pesquisa evidencia que o uso das plantas medicinais está profundamente relacionado à identidade e à memória das comunidades rurais. Trata-se de um saber ancestral, construído por meio da experiência cotidiana e da relação com a natureza, no qual se entrelaçam dimensões terapêuticas, espirituais e pedagógicas. As feiras tornam-se espaços de encontro e troca intergeracional, onde o conhecimento é compartilhado e adaptado aos novos contextos sociais. A análise dos relatos aponta, ainda, o papel central das mulheres como guardiãs da sabedoria tradicional, responsáveis pelo cultivo, preparo e transmissão dos saberes às novas gerações. Essa dimensão de gênero reforça a importância da valorização das mulheres do campo como protagonistas na preservação da biodiversidade e na promoção da saúde comunitária. Os resultados confirmam que o uso racional das plantas medicinais pode ser incorporado como prática educativa na formação de professores e nos projetos escolares da Educação do Campo. Experiências como hortas pedagógicas, oficinas interdisciplinares e feiras agroecológicas permitem articular ciência e tradição, promovendo aprendizagens contextualizadas e sustentáveis.

Essa integração contribui para o fortalecimento do vínculo entre escola, território e comunidade, reafirmando o compromisso da Educação do Campo com a autonomia, a saúde coletiva e a sustentabilidade ambiental. Em termos de impacto social, a pesquisa ressalta o potencial das práticas extensionistas e educativas — como oficinas, palestras e cartilhas — para difundir informações sobre preparo, dosagem, riscos e benefícios das plantas medicinais. Tais ações podem ser desenvolvidas em parceria entre universidades, prefeituras e instituições de saúde, criando redes de apoio e aprendizado colaborativo. Conclui-se que o uso de plantas medicinais em Santa Rosa/RS ultrapassa o âmbito terapêutico, configurando-se como uma manifestação cultural e ecológica de resistência, que une tradição, fé e ciência. A continuidade dessas práticas depende da articulação entre políticas públicas, ações educativas e reconhecimento dos saberes locais como patrimônio imaterial das comunidades rurais. Preservar e valorizar esse conhecimento é fundamental para promover uma cultura de saúde sustentável e solidária, enraizada na identidade do campo e na valorização da vida.

Palavras-chave: Plantas medicinais; Saberes tradicionais; Educação do Campo; Fitoterapia; Sustentabilidade.

CAPÍTULO 8

TRADIÇÃO E CURA: O PATRIMÔNIO DAS ERVAS NO CONTEXTO URBANO DE SANTIAGO

Elisângela Fani Lopes Martins
Doi: 10.48209/978-65-5417-570-7

O presente estudo tem como objetivo analisar as práticas de uso, comercialização e transmissão dos saberes tradicionais sobre plantas medicinais no município de Santiago/RS, ressaltando sua relevância cultural e os desafios contemporâneos para sua preservação. A pesquisa, de abordagem qualitativa e descritiva, foi desenvolvida por meio de entrevistas semiestruturadas com duas moradoras da cidade: uma vendedora tradicional, com cinquenta anos de atuação, e uma consumidora habitual, ambas reconhecidas por manter viva a tradição do uso das ervas como instrumento de cuidado e cura. O uso das plantas medicinais, prática ancestral profundamente enraizada na cultura popular brasileira, assume em Santiago uma dimensão simbólica e comunitária. As entrevistadas relataram que o conhecimento sobre as ervas — suas funções terapêuticas, formas de preparo e indicações — é transmitido oralmente entre gerações, consolidando-se como patrimônio imaterial e expressão de pertencimento. A vendedora, Sedaliza da Silva Melo, destaca-se como liderança comunitária, elaborando xaropes, pomadas e infusões produzidas artesanalmente em fogão a lenha, a partir de ervas como mil-em-rama, guaco, gengibre, espinaheira-santa e calêndula, cultivadas em seu quintal e trocadas por outros produtos locais. Sua prática, mais que um comércio, constitui um ato de solidariedade, espiritualidade e cuidado coletivo. Já a consumidora, Maristane Cogo Garcia, relatou utilizar desde a infância macela, gengibre, camomila, capim-cidreira e alho, aprendendo receitas familiares como o “xarope sete ervas” e o tradicional chá de macela com gemada. Ambas reforçam que o uso das plantas vai além do tratamento físico, envolvendo também aspectos afetivos, espirituais e culturais que fortalecem laços familiares e comunitários. A análise dos relatos evidencia

o papel central das mulheres como guardiãs e transmissoras dos saberes tradicionais, responsáveis por cultivar, preparar e compartilhar os usos das ervas. Contudo, observa-se um enfraquecimento dessa transmissão entre as gerações mais jovens, causado pelo avanço da medicalização, pela urbanização e pela perda dos espaços comunitários de troca, como hortos e feiras populares. Entre os principais desafios mencionados estão a falta de reconhecimento institucional, a escassez de hortas comunitárias e a ausência de políticas públicas que incentivem o cultivo e a comercialização de plantas medicinais. As entrevistadas ressaltam que a burocracia sanitária e a falta de capacitação técnica dificultam a formalização das atividades e a expansão de iniciativas locais, embora reconheçam avanços pontuais, como a inclusão da fitoterapia na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) do Sistema Único de Saúde (SUS). Por outro lado, identificam-se oportunidades relevantes para a revitalização dos saberes tradicionais em Santiago, como a criação de hortos educativos, feiras de plantas medicinais e oficinas de fitoterapia, articuladas entre comunidade, escolas e universidades. A integração entre saber popular e científico pode potencializar práticas de educação ambiental e em saúde, promovendo o uso responsável e sustentável das ervas, além de incentivar a geração de renda entre agricultores familiares e produtores locais. A pesquisa também evidencia que a valorização das plantas medicinais está diretamente associada à preservação ambiental e à sustentabilidade cultural. As práticas tradicionais de cultivo e uso das ervas constituem estratégias de resistência à lógica mercantilista e ao apagamento cultural, reforçando a importância da autonomia comunitária e do cuidado solidário com a vida. Em síntese, os resultados apontam que, apesar dos desafios impostos pela modernidade, os saberes tradicionais sobre plantas medicinais permanecem vivos e pulsantes em Santiago/RS, sustentados pela memória, pela fé e pela ação cotidiana das mulheres. O fortalecimento dessas práticas requer ações interinstitucionais que garantam reconhecimento, formação e apoio técnico, assegurando sua continuidade e transmissão. Assim, valorizar as ervas é também valorizar as pessoas, suas histórias e a sabedoria acumulada em séculos de convivência com a natureza.

Palavras-chave: Saberes tradicionais; Plantas medicinais; Cultura popular; Sustentabilidade cultural; Saúde comunitária.

CAPÍTULO 9

CULTURA QUE CURA: A FORÇA DAS PLANTAS MEDICINAIS E DA PASTORAL DA SAÚDE EM SANTIAGO

Edimara Silva da Luz
Derik Becker Pereira
Elizane Maié Andrade
Jean Marco Vargas Lopes
Rafaela da Silva Garcia Becker
Doi: 10.48209/978-65-5417-570-9

O presente estudo investiga as práticas de comercialização e consumo de plantas medicinais no município de Santiago/RS, com enfoque na atuação da Pastoral da Saúde, iniciativa comunitária que promove a produção e a venda de remédios naturais, articulando fé, saúde e sustentabilidade. A pesquisa propõe uma reflexão sobre a importância dos saberes tradicionais e da Educação do Campo na preservação e valorização das práticas fitoterápicas como alternativa terapêutica e de fortalecimento da agricultura familiar. O uso de plantas medicinais constitui um patrimônio cultural e social profundamente enraizado na tradição popular brasileira, resultado de séculos de observação e transmissão oral entre gerações. Em comunidades rurais, como as do interior de Santiago, o conhecimento sobre ervas e suas propriedades terapêuticas está diretamente ligado à relação simbiótica entre o ser humano e a natureza, configurando uma prática que integra corpo, espiritualidade e território. No entanto, os processos de modernização, urbanização e medicalização da vida têm ameaçado a continuidade dessa tradição, tornando urgente sua documentação e ressignificação no contexto educacional e comunitário. A pesquisa, de natureza qualitativa e descritiva, adota o método de estudo de caso com base em observação participante, análise documental e entrevistas com agentes da Pastoral da Saúde, produtores e consumidores locais. Essa triangulação metodológica permitiu compreender a dinâmica de circulação dos produtos fitoterápicos, as motivações

que sustentam seu uso e os desafios enfrentados por quem vive dessa prática. Os resultados apontam que a comercialização de plantas medicinais em Santiago se mantém estável ao longo do ano, com maior procura durante o inverno, quando aumentam os casos de doenças respiratórias. As plantas mais utilizadas são boldo, arnica, hortelã, camomila, erva-cidreira e espinheira-santa, consumidas principalmente na forma de chás, pomadas e xaropes. A Pastoral da Saúde atua como agente central, oferecendo cursos, orientações e produtos acessíveis à comunidade, ao mesmo tempo em que promove encontros de formação sobre o uso racional das ervas. Os entrevistados destacam, entretanto, que há um enfraquecimento na transmissão intergeracional dos saberes tradicionais. As novas gerações demonstram menor interesse pelo uso das ervas, recorrendo preferencialmente aos medicamentos farmacêuticos industrializados. As experiências relatadas reforçam a centralidade das mulheres como guardiãs e multiplicadoras do conhecimento medicinal popular, atuando na produção, comercialização e orientação sobre o uso das ervas. O protagonismo feminino na Pastoral da Saúde, bem como nas famílias produtoras, revela o papel essencial dessas mulheres na conservação da biodiversidade, na solidariedade comunitária e na sustentabilidade econômica local. Do ponto de vista educativo, o estudo ressalta que a Educação do Campo é um espaço privilegiado para o diálogo entre saberes científicos e tradicionais. A inserção da fitoterapia em práticas pedagógicas — por meio de hortos escolares, feiras de trocas, oficinas e projetos de extensão — pode contribuir para fortalecer a identidade cultural dos estudantes e promover uma formação integral que valorize o território e a biodiversidade regional. A presença das plantas medicinais no ambiente escolar representa não apenas uma ferramenta de ensino, mas também uma estratégia de resistência cultural frente à homogeneização dos modos de vida e ao apagamento dos conhecimentos populares. Os dados também indicam que a comercialização de plantas medicinais, ainda que majoritariamente informal, possui grande potencial de sustentabilidade econômica. A ausência de regulamentação acessível e de políticas de incentivo, contudo, limita o crescimento do setor. Os agentes da Pastoral da Saúde relatam dificuldades relacionadas à sazonalidade,

à falta de certificação e à escassez de apoio técnico para a produção em maior escala. Mesmo assim, a continuidade do trabalho e a confiança da comunidade demonstram a força simbólica e prática da fitoterapia como forma de resistência e cuidado coletivo. Conclui-se que a comercialização e o consumo de plantas medicinais em Santiago/RS transcendem o campo da saúde, configurando-se como um movimento sociocultural e educativo, em que fé, natureza e conhecimento popular se entrelaçam. A atuação da Pastoral da Saúde fortalece vínculos comunitários e reafirma o valor das práticas tradicionais como alternativa terapêutica sustentável. O estudo evidencia a necessidade de políticas públicas integradas que incentivem o cultivo agroecológico, a certificação participativa, a formação continuada e a inclusão curricular da fitoterapia na Educação do Campo, assegurando que esse saber ancestral seja preservado e transmitido às futuras gerações. Preservar os saberes sobre as plantas medicinais é, portanto, um ato de resistência e de valorização da cultura camponesa. As ervas não apenas curam o corpo, mas também contam histórias, cultivam memórias e reafirmam identidades — tornando-se, assim, símbolo vivo da sustentabilidade, da fé e da sabedoria popular que resiste no coração do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Plantas medicinais; Saberes tradicionais; Educação do Campo; Sustentabilidade; Pastoral da Saúde.

CAPÍTULO 10

ENTRE FÉ E NATUREZA: O LEGADO DAS ERVAS MEDICINAIS E DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Ana Paula Bolsan Sagrilo

Vera Lúcia Chaves Rosa

Doi: 10.48209/978-65-5417-570-A

O presente estudo tem como objetivo analisar o uso e a comercialização de plantas medicinais no município de Santiago/RS, destacando como os saberes populares sobre as ervas curativas permanecem vivos e se renovam em práticas de cuidado, solidariedade e sustentabilidade. Busca-se compreender como esses conhecimentos tradicionais se articulam com o contexto contemporâneo, marcado pela urbanização, pela medicalização da vida e pelas transformações nos modos de produção e consumo. Nesse cenário, a valorização dos saberes locais torna-se essencial para a preservação cultural, a promoção da saúde comunitária e o fortalecimento da Educação do Campo como espaço de integração entre ciência, tradição e território. De natureza qualitativa e descritiva, a pesquisa baseou-se em entrevistas semiestruturadas com dois sujeitos sociais diretamente ligados ao tema: o proprietário do comércio Flora Bazar São Jorge, com mais de vinte anos de atuação no ramo, e uma integrante da Pastoral da Saúde da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, com três décadas de experiência na produção artesanal de pomadas, xaropes e infusões naturais. As entrevistas possibilitaram identificar as dinâmicas locais de produção, circulação e uso das plantas, além de revelar dimensões simbólicas, culturais e espirituais associadas a essas práticas. Os resultados apontam que o uso e o comércio de plantas medicinais continuam desempenhando papel expressivo na cultura e na economia locais, especialmente entre as gerações mais velhas. As ervas mais procuradas — carqueja, marcela, boldo, arruda, guiné, alecrim e cavalinha — são utilizadas em tratamentos físicos e espiri-

tuais, compondo um repertório de práticas que une fé, experiência empírica e observação da natureza. No Flora Bazar São Jorge, a comercialização ocorre em pequena escala e prioriza fornecedores locais. Segundo o proprietário, a procura aumenta no inverno, devido às doenças respiratórias e aos distúrbios digestivos, embora se observe uma diminuição do consumo entre os jovens, reflexo da fragilidade na transmissão intergeracional desses saberes e das mudanças socioculturais. A Pastoral da Saúde é um exemplo de resistência cultural e solidariedade social. O grupo produz e distribui gratuitamente remédios naturais preparados com ervas cultivadas em hortas comunitárias ou doadas por fiéis, realizando também oficinas e encontros formativos sobre o uso consciente das plantas. Essas atividades integram fé, ciência e cuidado com a vida, reforçando uma concepção integral de saúde que envolve corpo, mente e espírito. Além do impacto terapêutico, o grupo promove laços de cooperação e pertencimento, transformando-se em espaço de preservação e valorização dos saberes tradicionais. As narrativas evidenciam o papel das mulheres como guardiãs da cultura e da biodiversidade, principais responsáveis pelo cultivo e pela transmissão do conhecimento sobre as ervas. Essa dimensão de gênero confere às práticas medicinais um caráter de empoderamento e resistência, que desafia tanto a hegemonia da medicina industrializada quanto a lógica de consumo globalizada. Entretanto, a cadeia produtiva das plantas medicinais enfrenta desafios estruturais, como a falta de certificações participativas, o escasso apoio público à produção artesanal e a burocracia sanitária que restringe a formalização dos empreendimentos locais. O comerciante entrevistado destaca a necessidade de políticas públicas municipais que ofereçam capacitação técnica e promovam feiras com enfoque agroecológico e fitoterápico, fortalecendo a economia solidária. Nesse contexto, a Educação do Campo surge como alternativa concreta de valorização e ressignificação dos saberes tradicionais. Ao reconhecer as plantas medicinais como parte do patrimônio cultural das comunidades, a escola pode integrá-las ao currículo por meio de hortos educativos, feiras agroecológicas e projetos de extensão, aproximando o saber popular do científico e promovendo uma aprendiza-

gem crítica, contextualizada e sustentável. Conclui-se que o uso e a comercialização das plantas medicinais em Santiago/RS configuram-se como um movimento sociocultural de resistência e reencantamento da vida cotidiana. Mais que simples recursos terapêuticos, as ervas representam símbolos de fé, memória e pertencimento, reafirmando o vínculo entre o ser humano e a natureza. A continuidade dessas práticas depende da articulação entre políticas públicas, ações educativas e mobilização comunitária que assegurem a transmissão dos saberes ancestrais e consolidem uma economia solidária e ecológica. Assim, as plantas medicinais assumem papel pedagógico e político, expressando a sabedoria popular e a busca por modos de vida mais justos, saudáveis e sustentáveis.

Palavras-chave: Plantas medicinais; Saberes tradicionais; Educação do Campo; Cultura popular; Sustentabilidade.

CAPÍTULO 11

ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: SABERES TRADICIONAIS E POTENCIALIDADES DO USO DE ERVAS MEDICINAIS EM ITAARA/RS

Everson dos Reis Nunes

Doi: 10.48209/978-65-5417-570-B

O presente estudo de caso tem como objetivo analisar a popularidade, os usos e os saberes tradicionais associados às plantas medicinais no município de Itaara/RS, investigando como esses conhecimentos são mantidos, transmitidos e ressignificados na contemporaneidade. A pesquisa enfatiza o papel das práticas culturais locais na preservação dos saberes sobre as ervas e discute os desafios e as potencialidades que envolvem sua utilização e comercialização. As plantas medicinais fazem parte da história da humanidade e permanecem como uma importante alternativa terapêutica, especialmente em contextos rurais onde o acesso aos serviços de saúde é limitado. Em Itaara, o uso de ervas e chás é uma prática cotidiana, herdada de gerações passadas e fortalecida pela confiança nos benefícios naturais. O estudo destaca que tais práticas não se restringem ao tratamento de doenças, mas também expressam um modo de vida que valoriza o vínculo entre saúde, natureza e cultura. A pesquisa foi conduzida por meio de abordagem qualitativa e quantitativa, envolvendo entrevistas com moradores, produtores e comerciantes de plantas medicinais, além de visitas a feiras e mercados locais. As entrevistas buscaram identificar os conhecimentos populares sobre as ervas, suas indicações terapêuticas e as percepções da comunidade sobre sua eficácia. Também foram analisados os fatores que dificultam a ampliação do uso e do comércio dessas plantas, como a falta de regulamentação, a escassez de informação técnica e a desvalorização dos saberes tradicionais. Os resultados apontam que Itaara possui uma expressiva diversidade de plantas medicinais

utilizadas pela população, entre elas erva-cidreira, camomila, boldo, hortelã, gengibre e espinheira-santa. Essas espécies são amplamente empregadas em tratamentos caseiros, principalmente para alívio de dores, problemas digestivos, resfriados, ansiedade e insônia. A transmissão do conhecimento ocorre, em grande parte, pela oralidade e pela convivência familiar, sobretudo entre as gerações mais velhas, que ainda cultivam hortas e compartilham receitas tradicionais. No entanto, observou-se que o desinteresse das novas gerações e a influência da medicina industrializada ameaçam a continuidade desses saberes. A migração de jovens para áreas urbanas e o predomínio de hábitos de consumo rápido reduzem o contato com o cultivo e o uso das plantas. Essa tendência é agravada pela ausência de políticas públicas de incentivo à fitoterapia e à agricultura de base agroecológica, o que compromete tanto a preservação do patrimônio cultural quanto a sustentabilidade ambiental. O estudo também evidenciou que a comercialização das plantas medicinais em Itaara ocorre, em sua maioria, de forma informal, em feiras e pontos de venda locais. Apesar do crescente interesse da população por produtos naturais, a falta de certificações, de assistência técnica e de incentivos à produção limita a expansão do mercado. Pequenos agricultores e comerciantes enfrentam dificuldades para garantir a procedência, o controle de qualidade e a divulgação dos benefícios das plantas. Por outro lado, há um potencial significativo para o desenvolvimento de práticas sustentáveis e de valorização econômica e cultural dessas plantas. A criação de cooperativas e associações de produtores, aliada à implementação de políticas de educação ambiental e saúde natural, pode fortalecer o setor e promover o reconhecimento dos saberes locais. O estímulo à agroecologia e à fitoterapia comunitária, bem como a integração entre saberes populares e científicos, constitui um caminho promissor para o uso responsável e sustentável das ervas medicinais. As entrevistas demonstram que a população de Itaara atribui grande confiança aos efeitos das plantas medicinais, reconhecendo-as como uma forma segura, acessível e natural de tratamento. Essa percepção reforça a necessidade de promover a educação popular em saúde e a valorização dos conhecimentos tradicionais como com-

ponentes legítimos do cuidado integral com o ser humano. Conclui-se que as plantas medicinais em Itaara representam um elo entre tradição e modernidade, saúde e natureza, saber e identidade. Sua popularidade revela não apenas a busca por alternativas terapêuticas, mas também a resistência cultural frente à homogeneização dos modos de vida. Preservar e difundir esses saberes é essencial para fortalecer a autonomia das comunidades, garantir a sustentabilidade ecológica e promover um diálogo entre ciência e cultura. Assim, o resgate das práticas tradicionais de uso das plantas medicinais reafirma o compromisso com a valorização do patrimônio imaterial e com a construção de uma sociedade mais saudável e sustentável.

Palavras-chave: Plantas medicinais; Saberes tradicionais; Saúde popular; Itaara; Sustentabilidade cultural.

CAPÍTULO 12

MOEDA SOCIAL E TRANSFORMAÇÃO COMUNITÁRIA: O CASO DA FEIRA DE AGRICULTORES(AS) DE RESTINGA SECA/RS

Guilherme Emanuel Weiss Pinheiro
Doi: 10.48209/978-65-5417-570-C

O presente estudo tem como objetivo refletir sobre os aspectos socio-culturais, econômicos e ambientais da implantação e do uso de uma moeda social e ambiental, denominada “Ecocash”, em uma feira de agricultores(as) do município de Restinga Seca, Rio Grande do Sul. Lançado em 2023, o programa Ecocash busca incentivar a preservação ambiental, o descarte correto de resíduos sólidos e o consumo consciente de alimentos locais, fortalecendo a agricultura familiar e promovendo a economia solidária. A pesquisa, de natureza qualitativa e caráter exploratório, foi desenvolvida no primeiro semestre de 2024 e utilizou o método de estudo de caso. O principal instrumento de coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada realizada com uma feirante integrante da Associação de Feirantes de Restinga Seca (AFEIRES), que atua na agricultura há 19 anos e participa da feira municipal desde 2022. A agricultora e seu esposo cultivam uma área de meio hectare, produzindo hortaliças como alface, couve, rúcula, temperos verdes e repolho, além de frutas como morango, e produtos derivados, como geleias e rapaduras. A feira, organizada pela associação, ocorre semanalmente às sextas-feiras, das 15h às 18h, em um espaço cedido pela prefeitura municipal, próximo à sede administrativa. Durante a entrevista, foram destacados os principais desafios enfrentados pelos feirantes: baixa produtividade em determinadas épocas do ano, elevação dos custos dos insumos agrícolas, limitações legais à comercialização de produtos de origem animal, variação de preços no mercado, escassez de mão de obra familiar e impactos das mudanças climáticas na produção. Apesar dessas dificuldades, a feira é reconhecida como um espaço essencial

para a geração de renda das famílias agricultoras e para o fortalecimento da segurança e soberania alimentar local. A agricultora entrevistada enfatizou a importância das parcerias institucionais para o funcionamento da feira. O pavilhão atual foi construído com recursos do FEAPER (Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais), e o município oferece apoio logístico e financeiro. Além disso, a prefeitura municipal concede aos servidores públicos um vale-feira na forma de Ecocash, estimulando o consumo de alimentos produzidos localmente. A EMATER/RS-ASCAR também atua de maneira contínua, prestando Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) aos feirantes e à associação. O programa Ecocash se insere em um contexto inovador de políticas públicas voltadas à sustentabilidade e à economia solidária. Trata-se de uma moeda social e ambiental que funciona como instrumento de circulação local de bens e serviços, desvinculada da lógica tradicional do capital financeiro. O Ecocash é obtido por meio de ações sustentáveis, como o descarte correto de resíduos recicláveis, e pode ser utilizado para a compra de alimentos e produtos nas feiras municipais. Dessa forma, promove um ciclo virtuoso entre consciência ambiental, geração de renda e consumo responsável. A análise do caso demonstra que a iniciativa contribui significativamente para o fortalecimento da economia local, criando novas formas de interação entre poder público, agricultores e consumidores. Ao incentivar a troca direta e o consumo de produtos locais, o programa estimula a valorização da agricultura familiar, reduz o desperdício, e impulsiona práticas de solidariedade e de cooperação comunitária. Além disso, o Ecocash desperta o interesse de outros municípios, podendo servir como modelo replicável de economia ecológica. Sob a perspectiva ambiental, a moeda promove a conscientização sobre o destino dos resíduos, reduzindo o volume de lixo descartado incorretamente e ampliando o engajamento da comunidade na coleta seletiva. Do ponto de vista social, fortalece o sentimento de pertencimento e contribui para a dignidade das famílias produtoras, que passam a ver o resultado de seu trabalho reconhecido e valorizado. No campo econômico, dinamiza o comércio local e estimula o fluxo contínuo de renda, mantendo a riqueza dentro do próprio território. Por fim, conclui-se que a ex-

perícia da utilização do Ecocash em Restinga Seca representa uma prática inovadora de sustentabilidade, inclusão e valorização da agricultura familiar. A moeda social e ambiental atua como um elo entre as dimensões ecológica, social e econômica do desenvolvimento local, ampliando a consciência ambiental e reforçando a importância de políticas públicas voltadas à economia solidária. O caso de Restinga Seca demonstra que iniciativas simples, quando bem estruturadas e coletivamente conduzidas, podem transformar realidades locais, promovendo o bem-estar social, a preservação ambiental e a autonomia das comunidades rurais.

Palavras-chave: Moeda social; Sustentabilidade; Agricultura familiar; Economia solidária; Ecocash.

CAPÍTULO 13

ERVAS QUE CURAM E ENSINAM: PATRIMÔNIO CULTURAL E SUSTENTABILIDADE NA COMUNIDADE COXILHA DOS CAMPOS

Kelin Vitória Cavalheiro Fonseca

Cristiane Conrad de Souza

James Barbosa Pureza

Doi: 10.48209/978-65-5417-570-D

O presente estudo teve como objetivo compreender os hábitos de consumo, o conhecimento tradicional e as percepções sobre o uso de plantas medicinais na comunidade Coxilha dos Campos, localizada no município de Canguçu-RS, articulando essas práticas aos princípios da sustentabilidade, da agroecologia e da educação ambiental. A pesquisa insere-se em um contexto de valorização dos saberes tradicionais e de resistência cultural frente ao avanço das práticas alopáticas e à desvalorização da medicina popular, buscando evidenciar o papel das comunidades rurais na preservação de um patrimônio imaterial essencial à identidade local. A metodologia adotada foi qualitativa, de caráter descritivo, fundamentada no método de estudo de caso. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com Sirlei Terezinha Machado, moradora e comerciante da comunidade, que há mais de 15 anos cultiva, utiliza e comercializa plantas medicinais. As entrevistas permitiram compreender tanto o repertório de espécies utilizadas quanto as formas de preparo, os modos de transmissão dos conhecimentos e as experiências espirituais e familiares associadas às práticas terapêuticas. Os resultados apontam uma ampla diversidade de espécies vegetais empregadas com diferentes finalidades, destacando-se o uso de ervas digestivas, calmantes, anti-inflamatórias e respiratórias, como marcela, carqueja, camomila, guaco, boldo e cobraína. O conhecimento sobre as plantas é transmiti-

do oralmente, principalmente entre mulheres, que atuam como guardiãs e multiplicadoras desses saberes. A entrevistada relatou que, além da herança familiar, sua experiência foi enriquecida por cursos de formação e vivências espirituais, reforçando a dimensão simbólica e identitária que permeia o uso das ervas. Um dos relatos mais emblemáticos refere-se ao uso da tintura da cobra para tratar um caso de envenenamento por picada de cobra, episódio que exemplifica a eficácia do saber popular em situações emergenciais. Essa prática ilustra a confiança da comunidade em seus próprios recursos terapêuticos e o papel central das mulheres como cuidadoras e mediadoras entre a natureza e a saúde coletiva. O conhecimento empírico, vivenciado na prática e transmitido pela oralidade, constitui um saber legítimo, baseado na observação e na experimentação cotidiana. A comercialização das plantas medicinais ocorre majoritariamente em feiras livres e eventos comunitários, de forma ética e educativa, onde a troca de saberes é tão importante quanto a transação econômica. A entrevistada destaca a importância de orientar os consumidores quanto ao uso correto das plantas, promovendo uma prática baseada na responsabilidade e no cuidado mútuo. Essa dinâmica contribui para a geração de renda, o fortalecimento dos vínculos sociais e o estímulo à autonomia terapêutica das famílias, ao mesmo tempo em que reforça a identidade cultural da comunidade. Apesar da relevância dessas práticas, a pesquisa identificou desafios crescentes na transmissão intergeracional dos saberes. O avanço da urbanização, a valorização excessiva da medicina convencional e a ausência de políticas públicas voltadas à educação ambiental e à fitoterapia popular têm contribuído para o enfraquecimento dessas tradições. A entrevistada observou que os jovens demonstram menor interesse pelo cultivo e uso das ervas, o que representa risco à continuidade desse patrimônio cultural. Diante desse cenário, a pesquisa reforça a importância de políticas educativas e ambientais voltadas à preservação dos saberes tradicionais. O fortalecimento de hortas comunitárias, feiras agroecológicas e programas de extensão universitária pode promover espaços de troca e aprendizagem entre gerações. Além disso, a integração entre conhecimento popular e científico é apontada

como estratégia fundamental para legitimar e perpetuar o uso responsável das plantas medicinais. No contexto da agroecologia, essas práticas representam mais do que alternativas terapêuticas: constituem uma forma de resistência cultural e de sustentabilidade ambiental. O cultivo de plantas nativas e o uso racional dos recursos naturais contribuem para a conservação da biodiversidade e para a manutenção do equilíbrio ecológico. As práticas de fitoterapia popular revelam uma concepção ampliada de saúde, que integra corpo, mente, espiritualidade e natureza, promovendo uma educação ambiental crítica e transformadora. Conclui-se que o uso e a comercialização de plantas medicinais na comunidade Coxilha dos Campos expressam uma profunda relação entre cultura, natureza e espiritualidade. Esses saberes, sustentados principalmente pelas mulheres, representam uma herança viva que reforça a identidade do território e o sentimento de pertencimento de seus moradores. A preservação dessas práticas não se limita à saúde individual, mas envolve o fortalecimento das comunidades rurais e a valorização de modos de vida sustentáveis. O resgate e a continuidade desse conhecimento são, portanto, atos de resistência e de afirmação cultural diante da modernidade excludente, garantindo que o saber das ervas continue a florescer como símbolo de sabedoria, solidariedade e equilíbrio com a natureza.

Palavras-chave: Saberes tradicionais; Fitoterapia popular; Sustentabilidade; Educação ambiental; Saúde coletiva.

CAPÍTULO 14

ENTRE CHÁS E MEMÓRIAS: SABERES POPULARES E RESISTÊNCIA CULTURAL NA COXILHA DAS FLORES (CANGUÇU/RS)

Franc Islabão Duarte

Doi: 10.48209/978-65-5417-570-E

O presente estudo tem como propósito investigar o uso, o cultivo e os saberes tradicionais relacionados às plantas medicinais em comunidades rurais do município de Canguçu/RS, especialmente na localidade da Coxilha das Flores, território historicamente marcado pela agricultura familiar e reconhecido nacionalmente como referência na produção agroecológica. A pesquisa se insere no esforço de valorização dos saberes populares e de suas contribuições para a sustentabilidade ambiental, a saúde coletiva e a preservação cultural do campo. A metodologia adotada foi de natureza qualitativa, orientada pelo método de estudo de caso, com realização de entrevistas semiestruturadas junto a dois moradores da comunidade: David Tessmer Duarte, agricultor com mais de 35 anos de experiência no cultivo de ervas, e Gicelda Islabão Duarte, usuária habitual dessas plantas. As entrevistas foram realizadas entre março e julho de 2024, e o material empírico foi complementado por registros fotográficos e observações de campo. Os resultados evidenciam que as práticas ligadas ao uso e ao cultivo de plantas medicinais permanecem vivas na comunidade, sendo transmitidas oralmente entre gerações. Foram identificadas mais de 15 espécies amplamente utilizadas para fins terapêuticos, entre elas murta, hortelã, guaco, mil-em-ramas, cardamomo, arnica, cidreira, bananinha do mato e lima de umbigo. O uso mais comum ocorre por meio de chás, xaropes e tinturas alcoólicas, preparados com base em receitas familiares que aliam empirismo, espiritualidade e saber comunitário. Um exemplo relatado pelos entrevistados é o preparo do xarope de coração de bananeira, utilizado no tratamento de doen-

ças respiratórias. A receita, transmitida há gerações, combina observação empírica e prática tradicional, simbolizando o conhecimento popular como forma legítima de cuidado. Outro exemplo é o chá de murta, usado para controle da pressão arterial, e a tintura de alho, indicada para gripes e infecções respiratórias. Essas práticas, além de econômicas, são percebidas como eficazes e fortalecem a autonomia das famílias em relação ao sistema de saúde convencional. Os entrevistados destacaram que o saber sobre as plantas é mantido sobretudo pelas mulheres idosas, consideradas guardiãs da memória cultural e do conhecimento medicinal. Contudo, alertaram para o enfraquecimento desse saber entre os jovens, motivado pela urbanização, pela medicalização da vida e pela valorização da medicina industrializada, que tem reduzido o interesse das novas gerações pelo cultivo e uso de ervas. Outro fator preocupante identificado é o avanço da monocultura da soja na região, que tem provocado impactos ambientais e sociais significativos. A substituição de cultivos diversificados por grandes lavouras mecanizadas tem reduzido a biodiversidade local, aumentando o uso de agrotóxicos e favorecido o êxodo rural, especialmente de jovens. Esses processos ameaçam diretamente a transmissão dos saberes tradicionais e o acesso às espécies nativas utilizadas medicinalmente. A perda de vegetação nativa e o isolamento de famílias agricultoras dificultam a coleta e o cultivo sustentável de muitas ervas. Entre as práticas coletivas mencionadas, destaca-se a Farmácia Caseira, iniciativa comunitária desenvolvida no posto de saúde local, onde moradores se reuniam para preparar remédios naturais, trocar experiências e receber orientações de profissionais. A descontinuidade desse projeto foi lamentada pelos entrevistados, que reconhecem nele uma importante política pública de fortalecimento da medicina popular e do vínculo comunitário. Os resultados obtidos revelam que o uso de plantas medicinais na Coxilha das Flores vai além de uma prática terapêutica: representa uma forma de resistência cultural e de afirmação identitária. As ervas curativas expressam um modo de vida em harmonia com a natureza, fundado no respeito aos ciclos ecológicos e na reciprocidade entre ser humano e ambiente. Ao mesmo tempo, configuram uma alternativa econômica e socialmente sustentável, capaz de reduzir custos

com medicamentos industrializados e dinamizar economias locais. Conclui-se que os saberes tradicionais sobre plantas medicinais constituem um patrimônio imaterial de alto valor social e ecológico, cuja preservação requer políticas integradas de educação ambiental, saúde pública e valorização da agricultura familiar. É essencial reconhecer a importância das práticas fitoterápicas para a promoção de uma saúde territorializada, vinculada aos modos de vida do campo e ao respeito à diversidade cultural. A valorização desses saberes — aliada à pesquisa científica e à extensão universitária — pode fortalecer o protagonismo das comunidades rurais e promover uma visão de saúde e bem-estar mais humanizada, sustentável e inclusiva.

Palavras-chave: Saberes tradicionais; Fitoterapia popular; Sustentabilidade; Educação ambiental; Comunidade rural.

CAPÍTULO 15

RAÍZES DE CURA: SABERES TRADICIONAIS E SUSTENTABILIDADE NA COMUNIDADE RURAL DE CANGUÇU/RS

Alice Volz Bohm

Daiana Schmidt Peter

Doi: 10.48209/978-65-5417-570-F

O presente estudo tem como objetivo compreender a importância das plantas medicinais e a transmissão de saberes tradicionais em comunidades rurais, analisando o uso, a comercialização e os desafios enfrentados na preservação dessas práticas no município de Canguçu/RS, especialmente na comunidade de Estância da Figueira. A investigação insere-se na perspectiva de valorização dos conhecimentos populares como patrimônio imaterial, articulando-os ao debate contemporâneo sobre sustentabilidade, saúde coletiva e políticas públicas de reconhecimento da fitoterapia como prática legítima de cuidado. O estudo fundamenta-se na observação de que o uso de plantas medicinais permanece central nas comunidades rurais, tanto pela eficácia terapêutica quanto pelo vínculo cultural e espiritual com a natureza. Mesmo diante do avanço da medicina moderna, grande parte da população ainda depende dessas práticas como principal forma de cuidado com a saúde, o que reforça a necessidade de preservação e valorização dos saberes tradicionais. A pesquisa foi desenvolvida com abordagem qualitativa e método de estudo de caso, tendo como sujeitos duas produtoras e consumidoras residentes na comunidade de Estância da Figueira e uma comerciante de plantas medicinais da área urbana de Canguçu. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, observações de campo e análise comparativa entre o saber popular e a literatura científica recente. Os resultados revelam que o conhecimento sobre as plantas medicinais é transmitido principalmente pela oralidade e pela convivência familiar, repre-

sentando um processo de aprendizagem contínuo, marcado pela experiência e pela vivência cotidiana. As espécies mais citadas foram malva (*Malva sylvestris*), macela (*Achyrocline satureioides*), hortelã (*Mentha piperita*), camomila (*Matricaria chamomilla*), pata-de-vaca (*Bauhinia forficata*), cavalinha (*Equisetum arvense*), poejo (*Mentha pulegium*), quebra-pedra (*Phyllanthus niruri*), gengibre (*Zingiber officinale*), boldo (*Peumus boldus*) e cidreira (*Melissa officinalis*). Todas essas plantas são amplamente utilizadas em chás, infusões e tinturas para o tratamento de doenças digestivas, respiratórias, renais e nervosas. O saber tradicional demonstrou forte convergência com estudos científicos recentes, que comprovam propriedades anti-inflamatórias, antioxidantes, calmantes, diuréticas e hipoglicemiantes dessas espécies. Esse alinhamento entre empirismo e ciência evidencia o potencial das práticas populares como fonte de conhecimento legítimo e complementar aos tratamentos convencionais, destacando a necessidade de maior integração entre o saber popular e a pesquisa acadêmica. Além do valor medicinal, as plantas exercem papel essencial na identidade cultural e na economia local. A comercialização ocorre em feiras, mercados e pequenas lojas, mas enfrenta obstáculos significativos, como a falta de regulamentação e certificação, o alto custo dos processos de registro sanitário e a burocracia imposta aos pequenos produtores. A ausência de políticas públicas específicas dificulta a formalização da produção e impede a agregação de valor por meio da transformação das plantas em pomadas, xaropes, extratos e cosméticos naturais. As entrevistas também apontaram que, embora haja crescente interesse da população por produtos naturais, sobretudo entre as novas gerações, a transmissão intergeracional dos saberes ainda é ameaçada pela urbanização, pela medicalização da vida e pela perda de vínculos com o meio rural. Por outro lado, iniciativas locais de educação ambiental, feiras agroecológicas e grupos de mulheres agricultoras têm contribuído para o fortalecimento dessas práticas e para a valorização da autonomia terapêutica das comunidades. A pesquisa destaca ainda a importância de ações formativas e políticas públicas voltadas à fitoterapia popular, como cursos de capacitação, programas de extensão universitária e incentivos financeiros à produção sustentável. Tais

medidas podem favorecer a continuidade e o aprimoramento dessas práticas, aliando tradição e ciência. O fortalecimento de redes de economia solidária e cooperativas de pequenos produtores é apontado como caminho promissor para garantir a qualidade dos produtos, ampliar o acesso aos mercados e promover o desenvolvimento rural sustentável. Conclui-se que o uso e o cultivo de plantas medicinais na comunidade de Estância da Figueira expressam um elo profundo entre natureza, cultura e saúde, simbolizando a resistência dos saberes tradicionais frente à modernidade excludente. Preservar esses conhecimentos é preservar também a história, a identidade e a autonomia das comunidades rurais. As plantas medicinais não representam apenas recursos terapêuticos, mas também raízes de cura, que unem o passado e o presente em uma prática de cuidado integral, solidária e ambientalmente responsável.

Palavras-chave: Plantas medicinais; Saberes tradicionais; Fitoterapia popular; Sustentabilidade; Comunidades rurais.

CAPÍTULO 16

SABEDORIA POPULAR E SUSTENTABILIDADE: O VALOR DAS PLANTAS MEDICINAIS NO TERRITÓRIO RURAL DE CANGUÇU/RS

Erasmo Bonotto
Itatiara Bergmann Medeiros
Luana Rickes Prestes
Reginalda Bergmann Medeiros
Doi: 10.48209/978-65-5417-570-G

O presente estudo analisa o uso e a valorização das plantas medicinais no município de Canguçu/RS, com ênfase na preservação dos saberes tradicionais e nas práticas populares que articulam saúde, cultura e sustentabilidade ambiental. A pesquisa foi desenvolvida entre março e abril de 2025 e teve como foco comunidades rurais do interior do município, onde a fitoterapia popular ainda é amplamente praticada como forma complementar ou alternativa ao tratamento convencional. A abordagem metodológica foi qualitativa e descritiva, baseada em entrevistas semiestruturadas realizadas com consumidores, comerciantes e produtores locais, além de observações diretas e levantamento bibliográfico. As entrevistas permitiram compreender os modos de preparo, as finalidades terapêuticas e o significado sociocultural das plantas medicinais, bem como os desafios enfrentados para sua preservação e uso sustentável. Os resultados revelam que as plantas medicinais constituem um patrimônio vivo transmitido por gerações, especialmente entre famílias da zona rural. O conhecimento sobre seus usos é predominantemente oral e adquirido pela prática cotidiana, sendo repassado por mães, avós e lideranças comunitárias. Entre as espécies mais utilizadas foram citadas poejo (*Mentha pulegium*), macela (*Achyrocline satureioides*), erva-santa (*Pothomorphe umbellata*) e guaco (*Mikania glomerata*), amplamente empregadas no tratamento de resfriados, dores estomacais, inflamações e distúrbios respiratórios. A pesquisa identificou que o grupo de

usuários é majoritariamente composto por mulheres entre 30 e 60 anos, responsáveis por manter o cultivo das ervas nos quintais e hortas caseiras. Essa prática está associada não apenas ao cuidado com a saúde, mas também a um modo de vida que valoriza a relação harmônica com a natureza e o respeito aos ciclos ecológicos. Os relatos demonstram que o uso das plantas é compreendido como ato de autonomia e resistência cultural, reafirmando a importância dos saberes ancestrais frente à crescente medicalização da sociedade. No entanto, foram apontados desafios relevantes: a perda de interesse das novas gerações, a ausência de políticas públicas locais de incentivo ao cultivo de ervas medicinais e a falta de integração desses saberes aos serviços oficiais de saúde. A crescente urbanização e a expansão de monocultivos mecanizados, especialmente de soja, têm contribuído para a redução da biodiversidade local, dificultando a coleta e o cultivo de espécies nativas utilizadas tradicionalmente. A pesquisa também evidenciou a importância das feiras e pequenos comércios locais, como a Loja Studio Ana, que comercializa plantas secas e produtos naturais. Esses espaços configuram ambientes de sociabilidade e troca de saberes, onde consumidores buscam orientação sobre o uso correto das ervas. A entrevistada responsável pela loja destacou a elevação das vendas durante o inverno, período em que há maior procura por chás e xaropes naturais, e relatou a dificuldade de competir com produtos industrializados mais baratos e de procedência duvidosa. Do ponto de vista educativo e ambiental, o estudo destaca a urgência de ações de educação ambiental e extensão universitária que promovam o resgate cultural e a formação crítica sobre o uso sustentável das plantas medicinais. Oficinas comunitárias, hortas escolares e programas de agroecologia podem contribuir para aproximar as novas gerações desse patrimônio de saberes. Tais iniciativas reforçam a importância de compreender as ervas não apenas como recursos terapêuticos, mas também como instrumentos de sustentabilidade e identidade cultural. Conclui-se que as plantas medicinais representam mais do que simples alternativas terapêuticas: são expressões de um conhecimento coletivo que integra saúde, espiritualidade e pertencimento territorial. A articulação entre saber popular e ciência mostra-se fundamental para consolidar práticas sustentáveis

e eficazes no campo da saúde pública. Ao reconhecer o valor desses saberes e promover sua integração às políticas públicas, torna-se possível fortalecer a identidade cultural, a autonomia das comunidades e a conservação ambiental. O caso de Canguçu exemplifica a resistência e a vitalidade dos saberes tradicionais frente às transformações socioeconômicas contemporâneas. A combinação entre sabedoria ancestral e evidência científica surge como caminho para um futuro mais equilibrado, capaz de unir biodiversidade, saúde e bem-estar coletivo. A continuidade dessas práticas dependerá do incentivo à formação de novas gerações guardiãs do conhecimento das ervas — herdeiras de um legado que cura, ensina e conecta o ser humano à terra.

Palavras-chave: Saberes tradicionais; Fitoterapia popular; Sustentabilidade; Saúde coletiva; Educação ambiental.

CAPÍTULO 17

ERVAS ANCESTRAIS E SUA COMERCIALIZAÇÃO: ENTRE SABERES TRADICIONAIS, ESPIRITUALIDADE E MERCADO EM SÃO GABRIEL/RS

Arthur Phillyp de Lima Brito

Ana Paula da Silva Lima

Doi: 10.48209/978-65-5417-570-H

O presente relato resulta de uma experiência acadêmica desenvolvida no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFSM e propõe uma reflexão crítica sobre a relação entre os saberes tradicionais ligados ao uso de chás e plantas medicinais e sua crescente inserção nas lógicas de mercado contemporâneas. Parte-se do entendimento de que o chá ultrapassa o papel de simples bebida terapêutica, constituindo-se como elemento cultural, espiritual e identitário em diversas comunidades. Assim, buscou-se compreender como esses saberes ancestrais são preservados, reinterpretados e, simultaneamente, mercantilizados em meio às dinâmicas econômicas modernas. A pesquisa reconhece as ervas medicinais como patrimônio imaterial de valor inestimável, transmitido entre gerações e sustentado por práticas de observação da natureza e por concepções de mundo que integram corpo, espírito e ambiente. Ao longo do tempo, esses saberes alimentaram modos de vida que articulam dimensões simbólicas, ecológicas e espirituais, fortalecendo o sentimento de pertencimento das pessoas aos seus territórios. Contudo, a expansão dos mercados naturais e o interesse crescente por produtos fitoterápicos introduzem novas mediações entre tradição e economia, colocando em risco a continuidade e a autenticidade desses conhecimentos. A metodologia adotada foi qualitativa, baseada em entrevista semiestruturada com o empresário Luiz Guilherme Figueiredo, proprietário da loja Mundo Natural SG, localizada em São Gabriel/RS. Com mais de oito anos de experiência no comércio de plantas medicinais, o entrevistado

forneceu elementos para compreender a articulação entre tradição, espiritualidade e mercado, analisando aspectos como os modos de aquisição e preparo das ervas, o relacionamento com produtores, as motivações dos consumidores e a presença ou ausência de certificações formais. Entre as espécies mais procuradas destacam-se arruda, boldo, camomila, hibisco, cavalinha e espinheira-santa, amplamente utilizadas tanto para fins terapêuticos quanto espirituais. Observou-se que cresce o número de pessoas que recorrem a terapias naturais como primeira alternativa diante de enfermidades, valorizando os saberes populares e reconhecendo a eficácia dos tratamentos fitoterápicos, mesmo quando desprovidos de validação biomédica. Essa tendência revela a busca por reconexão com a natureza e por práticas ancestrais de autocuidado. Por outro lado, a pesquisa aponta contradições significativas. A ausência de certificações e de rastreabilidade quanto à origem das ervas cria vulnerabilidade tanto para o consumidor quanto para o produtor. A comercialização desvinculada de mecanismos de controle e reconhecimento pode desvalorizar o trabalho de agricultores familiares e de comunidades tradicionais que cultivam e preservam as plantas de forma sustentável. A inexistência de certificações, como o selo orgânico nacional (SisOrg) ou os sistemas participativos de garantia, dificulta distinguir produtos agroecológicos de outros industrializados. Esse quadro abre espaço para a biopirataria e para a apropriação indevida de saberes tradicionais, muitas vezes explorados comercialmente sem qualquer retorno às comunidades de origem. Embora o mercado de produtos naturais impulse a economia local, sua estrutura carece de regulamentação que garanta práticas justas e sustentáveis. A ausência de políticas públicas que protejam juridicamente os detentores desses saberes e valorizem sua contribuição cultural reforça a urgência de um debate social e institucional sobre a origem, o uso e a comercialização ética das plantas medicinais. Nesse contexto, a comercialização ética e consciente torna-se essencial para garantir o reconhecimento das comunidades tradicionais e evitar que seus saberes se percam diante da massificação mercadológica. Os resultados demonstram que o consumo de chás e ervas medicinais transcende o campo terapêutico, incorporando dimensões simbólicas, espirituais e identi-

tárias. O chá constitui um elo entre passado e presente, conectando gerações e transmitindo visões de mundo baseadas na harmonia entre corpo, mente e natureza. Sua popularização, entretanto, precisa ocorrer com responsabilidade, respeitando as tradições e os povos que historicamente mantêm esses saberes. O estudo reforça a importância de políticas públicas integradas que assegurem a soberania dos povos tradicionais sobre seus conhecimentos, garantam condições dignas de produção e promovam a sustentabilidade social e ambiental. Reconhecer o valor cultural e científico dessas práticas é essencial para evitar sua diluição pelas lógicas mercantis e para fortalecer a economia local de forma solidária. Conclui-se que as ervas e os chás tradicionais representam heranças vivas de práticas de cuidado, espiritualidade e resistência. Sua comercialização ética tem potencial para gerar renda, preservar culturas e promover justiça social. Preservar e valorizar esses saberes é um compromisso coletivo com a diversidade cultural, a sustentabilidade ambiental e a dignidade dos povos que, ao longo da história, transformaram o conhecimento da natureza em fonte de cura, equilíbrio e vida.

Palavras-chave: Saberes Ancestrais; Plantas Medicinais; Comercialização Ética; Agroecologia; Sustentabilidade Cultural.

CAPÍTULO 18

PLANTAS MEDICINAIS E CULTURA POPULAR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO CONSUMO SUSTENTÁVEL EM SÃO GABRIEL/RS

Fernanda Xavier Vieira
Carmen Silvia Rodrigues Moraes
Doi: 10.48209/978-65-5417-570-1

O presente estudo de caso tem como objetivo compreender os hábitos de consumo, o conhecimento tradicional e as percepções sobre o uso de plantas medicinais no município de São Gabriel/RS, destacando a importância da valorização e da continuidade dos saberes ancestrais que integram a identidade cultural das comunidades locais. A pesquisa adota abordagem qualitativa, com o uso de entrevistas estruturadas como instrumento principal de coleta de dados. Foram entrevistadas duas participantes: uma consumidora e uma comerciante de plantas medicinais, ambas residentes no município, com perfis complementares que possibilitam uma análise integrada das dimensões do consumo e da comercialização. A primeira entrevistada é uma mulher de 63 anos, consumidora de plantas medicinais há mais de quatro décadas. Sua trajetória de uso revela um vínculo profundo com a tradição familiar e com os saberes transmitidos oralmente entre gerações. Ela relata preparar infusões, pomadas e xaropes a partir de receitas caseiras, destacando o uso cotidiano das plantas como parte de uma rotina de cuidado e prevenção. Para ela, a fitoterapia doméstica representa uma forma de autonomia e de resistência cultural frente à medicalização excessiva e à dependência de produtos farmacêuticos industrializados. Em suas palavras, o uso de chás e ervas medicinais simboliza um elo com a natureza e com a sabedoria herdada dos antepassados, constituindo também um ato de preservação cultural. A entrevistada defende que o resgate desses conhecimentos deveria começar na infância, incentivando os pais a substituir gradualmente o uso de

medicamentos sintéticos por práticas naturais, como o chá antitérmico e outras receitas de ervas. Tal perspectiva revela não apenas uma preferência pessoal, mas uma visão educativa e intergeracional sobre a importância de manter vivos os saberes tradicionais. A segunda participante, proprietária de uma farmácia que trabalha com plantas medicinais há aproximadamente 25 anos, ofereceu uma visão complementar sobre o tema, abordando a realidade do comércio e as transformações na demanda por produtos naturais. Ela observa que muitos consumidores recorrem às plantas medicinais após esgotar outras alternativas de tratamento, o que revela uma relação de busca por soluções quando a medicina convencional se mostra limitada. Destaca que os clientes mais fiéis e constantes costumam ser os mais experientes e conscientes dos benefícios das ervas, valorizando uma abordagem mais natural e preventiva. Entretanto, a comerciante também relata dificuldades no fornecimento de produtos com procedência garantida, apontando a escassez de fornecedores confiáveis e a ausência de certificações como desafios para o setor. Além disso, menciona a sazonalidade das vendas, que aumentam significativamente no inverno, período em que as doenças respiratórias se tornam mais frequentes. Essa variação reforça a necessidade de ampliar a disponibilidade e a diversidade dos produtos naturais ao longo do ano, estimulando a produção local e o fortalecimento da economia regional. A análise das entrevistas evidencia tensões entre o conhecimento tradicional e as lógicas contemporâneas de consumo. O discurso da consumidora remete à prática ancestral de autocuidado, associada à observação da natureza e à sabedoria popular; já o da vendedora reflete os impactos da mercantilização e da demanda urbana por produtos naturais. Ambas, contudo, convergem na percepção de que há um interesse crescente por alternativas saudáveis e sustentáveis de tratamento, ainda que a modernidade e o imediatismo dificultem o retorno a hábitos mais simples e integrados à natureza. Esse comportamento reflete uma contradição presente na sociedade atual: enquanto cresce o desejo de reconexão com o natural, também aumenta a tendência ao consumo rápido e superficial, que por vezes reduz as plantas medicinais a meros produtos de prateleira, desvinculados de seu valor simbólico e ecológico. A falta de tem-

po e o hábito de buscar soluções imediatas enfraquecem o aprendizado sobre o uso consciente e seguro das ervas, o que pode gerar riscos e distorções no emprego terapêutico das mesmas. Diante desse cenário, o estudo reafirma a importância de políticas públicas e ações educativas voltadas à valorização dos saberes populares, à formação em fitoterapia e à promoção de práticas sustentáveis de produção e comercialização. A revalorização das plantas medicinais deve ocorrer de forma articulada entre universidade, comunidades e empreendedores locais, promovendo o diálogo entre ciência e tradição, e estimulando a pesquisa sobre os usos terapêuticos e culturais das ervas. Conclui-se que o uso e o comércio de plantas medicinais em São Gabriel expressam um campo de interação entre tradição e modernidade, no qual convivem práticas ancestrais de cuidado e demandas contemporâneas de consumo. O resgate desses saberes, aliado à regulamentação e à qualificação das práticas comerciais, representa um caminho para a promoção da saúde integral, o fortalecimento da economia local e a preservação da cultura popular. Valorizar as plantas medicinais significa, portanto, reafirmar a importância do conhecimento tradicional como herança viva de resistência, pertencimento e sustentabilidade.

Palavras-chave: Plantas Medicinais; Saberes Populares; Fitoterapia; Consumo e Comércio; Sustentabilidade Cultural.

CAPÍTULO 19

DESAFIOS PARA A PRESERVAÇÃO DOS SABERES POPULARES SOBRE PLANTAS MEDICINAIS EM SÃO GABRIEL/RS

Maria Cecília Parodes de Ávila
Maria Eugênia Parodes de Ávila
Doi: 10.48209/978-65-5417-570-J

O presente trabalho tem como objetivo compreender a importância das plantas medicinais na cultura local e analisar os desafios enfrentados para a continuidade desses saberes populares na atualidade. A pesquisa foi desenvolvida no município de São Gabriel/RS, a partir de uma entrevista semiestruturada com Luiz Moisés Quadros dos Santos, proprietário da loja Mundo Natural, que atua há oito anos no comércio de chás, ervas e produtos naturais. A metodologia utilizada foi qualitativa, de caráter descritivo, baseada em um estudo de caso. O uso de plantas medicinais é uma prática ancestral enraizada nas comunidades rurais e urbanas, que há gerações utilizam os recursos naturais para o cuidado com a saúde. Essas práticas se estruturam como expressão cultural e símbolo de resistência, refletindo o vínculo entre os seres humanos e a natureza. Entretanto, observa-se que a modernização, o avanço da medicina convencional e a industrialização dos hábitos de consumo vêm provocando o enfraquecimento desses saberes, especialmente entre os jovens, que se distanciam das tradições familiares e passam a depender de medicamentos industrializados. A entrevista revelou que, em São Gabriel, o uso de plantas medicinais permanece presente, ainda que de forma sazonal. O entrevistado destacou que o inverno é o período de maior procura por chás, devido ao aumento de doenças respiratórias. Nessa época, ervas como camomila, espinheira-santa, poejo e hortelã ganham destaque por suas propriedades terapêuticas e preventivas. Apesar da constância no consumo durante determinadas épocas do ano, nota-se

a redução da transmissão oral desse saber, o que compromete sua continuidade. Outro aspecto abordado foi a desvalorização do conhecimento tradicional diante do discurso biomédico hegemônico, que frequentemente desconsidera a eficácia das plantas medicinais. Tal postura contribui para a marginalização dos saberes populares e para a perda de confiança das novas gerações, que tendem a associar o natural ao arcaico e o industrializado ao moderno. Mesmo assim, o relato do entrevistado mostra que há uma resistência silenciosa que mantém viva a cultura das ervas, sustentada por pessoas que reconhecem sua eficácia e defendem seu uso consciente. Um exemplo citado foi o uso do chá de espinheira-santa como substituto ao omeprazol, demonstrando a efetividade de determinados tratamentos naturais quando baseados no conhecimento empírico e no uso responsável das plantas. Essa experiência evidencia que a medicina popular não se opõe à ciência, mas pode dialogar com ela, desde que haja respeito e validação mútua. Além do aspecto terapêutico, a comercialização das ervas e chás também foi destacada como parte importante da economia local. A loja Mundo Natural comercializa mais de 130 tipos de ervas e produtos naturais, revelando a amplitude do mercado e sua contribuição para a geração de renda e fortalecimento da cultura local. Ainda assim, o entrevistado aponta desafios, como a falta de políticas públicas voltadas à certificação e regulamentação dos produtos, a escassez de fornecedores qualificados e a sazonalidade das vendas. Essas dificuldades refletem um problema estrutural que ultrapassa o comércio e alcança a própria preservação dos saberes tradicionais. A ausência de reconhecimento institucional e de políticas de incentivo à produção sustentável de plantas medicinais compromete a transmissão desses conhecimentos e o acesso da população a terapias naturais seguras e de qualidade. O estudo aponta que a valorização dos saberes populares sobre plantas medicinais é fundamental não apenas para a preservação da cultura, mas também para o fortalecimento de práticas de saúde integrativas e preventivas. As plantas medicinais constituem um elo entre passado e presente, representando uma forma de resistência cultural e de reafirmação da identidade das comunidades rurais. Promover sua valorização implica reconhecer a importância da diversidade de saberes e a ne-

cessidade de construir pontes entre o conhecimento científico e o conhecimento tradicional. Conclui-se que, embora o uso de plantas medicinais ainda resista no cotidiano das populações, esse saber enfrenta sérios riscos de descontinuidade. A desvalorização social e o esquecimento intergeracional exigem ações urgentes de valorização, educação e difusão desses conhecimentos. Mais do que alternativas terapêuticas, as plantas medicinais simbolizam um patrimônio cultural e ecológico que deve ser protegido e transmitido às novas gerações como parte da história e da identidade das comunidades.

Palavras-chave: Cultura Popular; Saberes Tradicionais; Saúde Natural; Identidade Cultural; Valorização dos Saberes.

CAPÍTULO 20

BIODIVERSIDADE E CURA: AS ERVAS MEDICINAIS COMO PATRIMÔNIO DO PAMPA GAÚCHO

Ana Paula de Souza Vivian

Dinarte Teixeira Júnior

Dirlene Isabel Pedroso de Oliveira

Juliana dos Santos Lima

Doi: 10.48209/978-65-5417-570-L

O bioma Pampa, característico da região sul do Brasil, especialmente do estado do Rio Grande do Sul, abriga uma diversidade ecológica singular, com inúmeras espécies vegetais de reconhecido potencial terapêutico. Este estudo busca compreender o papel das ervas medicinais na cultura local do município de São Gabriel/RS, explorando seus usos tradicionais, o potencial farmacológico e as práticas de cultivo e comercialização. A pesquisa tem caráter qualitativo e descritivo, fundamentada em estudo de caso, com entrevistas a produtores, comerciantes e consumidores de plantas medicinais. O uso de plantas medicinais no bioma Pampa é uma tradição que atravessa gerações, baseada em saberes empíricos transmitidos oralmente e na convivência cotidiana com a natureza. Em São Gabriel, o cultivo e o consumo de ervas medicinais são práticas comuns entre as famílias rurais, que utilizam chás e infusões para o tratamento de enfermidades como gripes, insônia, problemas digestivos e hipertensão. Apesar de sua importância cultural e terapêutica, observa-se que essas práticas ainda carecem de reconhecimento formal e apoio técnico para consolidar-se como alternativa sustentável de produção e renda. O estudo revela que a produção local de ervas medicinais é predominantemente artesanal, com uso de técnicas tradicionais de cultivo, adubação orgânica e colheita manual. Tais práticas contribuem para a conservação ambiental e garantem a qualidade dos produtos, mas enfrentam desafios como a falta de certificação, ausência de regulamentação e pouca difusão de conhecimento técnico entre os pequenos produtores.

Mesmo assim, o interesse crescente por produtos naturais e fitoterápicos tem impulsionado o mercado, gerando oportunidades econômicas e despertando maior valorização das práticas populares. Entre as espécies mais conhecidas do bioma Pampa, destacam-se a carqueja (*Baccharis trimera*), indicada para distúrbios digestivos e controle do colesterol; a macela (*Achyrocline satureioides*), utilizada para aliviar dores e inflamações; a espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia*), reconhecida por suas propriedades gastroprotetoras; e a arnica-do-campo (*Solidago chilensis*), usada no tratamento de dores musculares e inflamações. Essas plantas, cultivadas em hortas caseiras e pequenas propriedades, são amplamente consumidas na região e representam uma importante fonte de saberes e práticas tradicionais. A pesquisa também aponta que o comércio de ervas medicinais em São Gabriel é incipiente, concentrando-se em pequenos estabelecimentos locais. A comerciante entrevistada, atuante no ramo há cinco anos, destacou que a demanda aumenta no inverno, quando há maior procura por produtos naturais para o tratamento de doenças sazonais. Apesar disso, relatou dificuldades em garantir a procedência e a qualidade das ervas, além da falta de políticas públicas que incentivem a produção local e a certificação participativa. A consumidora entrevistada, com duas décadas de uso contínuo de ervas medicinais, relatou que as utiliza como primeira opção terapêutica e que confia em seus benefícios. Seu depoimento evidencia o vínculo cultural entre o uso das plantas e a tradição familiar, mostrando que o conhecimento empírico ainda orienta práticas de autocuidado em comunidades do interior. Contudo, ela também reconhece que há risco de perda desses saberes, especialmente entre as novas gerações, cada vez mais dependentes da medicina industrializada. O cultivo e a comercialização de ervas medicinais no bioma Pampa possuem, portanto, uma dupla importância: ambiental e sociocultural. Além de contribuírem para a conservação da biodiversidade e para a redução da pressão sobre ecossistemas naturais, essas práticas fortalecem o vínculo das comunidades com o território e promovem alternativas de renda sustentáveis. A integração entre o conhecimento tradicional e a pesquisa científica surge como caminho necessário para consolidar o uso responsável das plantas e ampliar sua

aceitação no sistema de saúde pública. Conclui-se que o Pampa gaúcho possui um imenso potencial terapêutico e econômico, ainda pouco explorado. As ervas medicinais, além de recursos terapêuticos, são parte essencial da identidade cultural e ecológica da região. Valorizar essas práticas implica reconhecer a importância dos saberes populares, investir na formação de produtores e pesquisadores e estimular políticas públicas que assegurem a continuidade dessa herança viva. O fortalecimento da fitoterapia e do cultivo sustentável no Pampa é, assim, uma estratégia de preservação ambiental, promoção da saúde e afirmação cultural das comunidades locais.

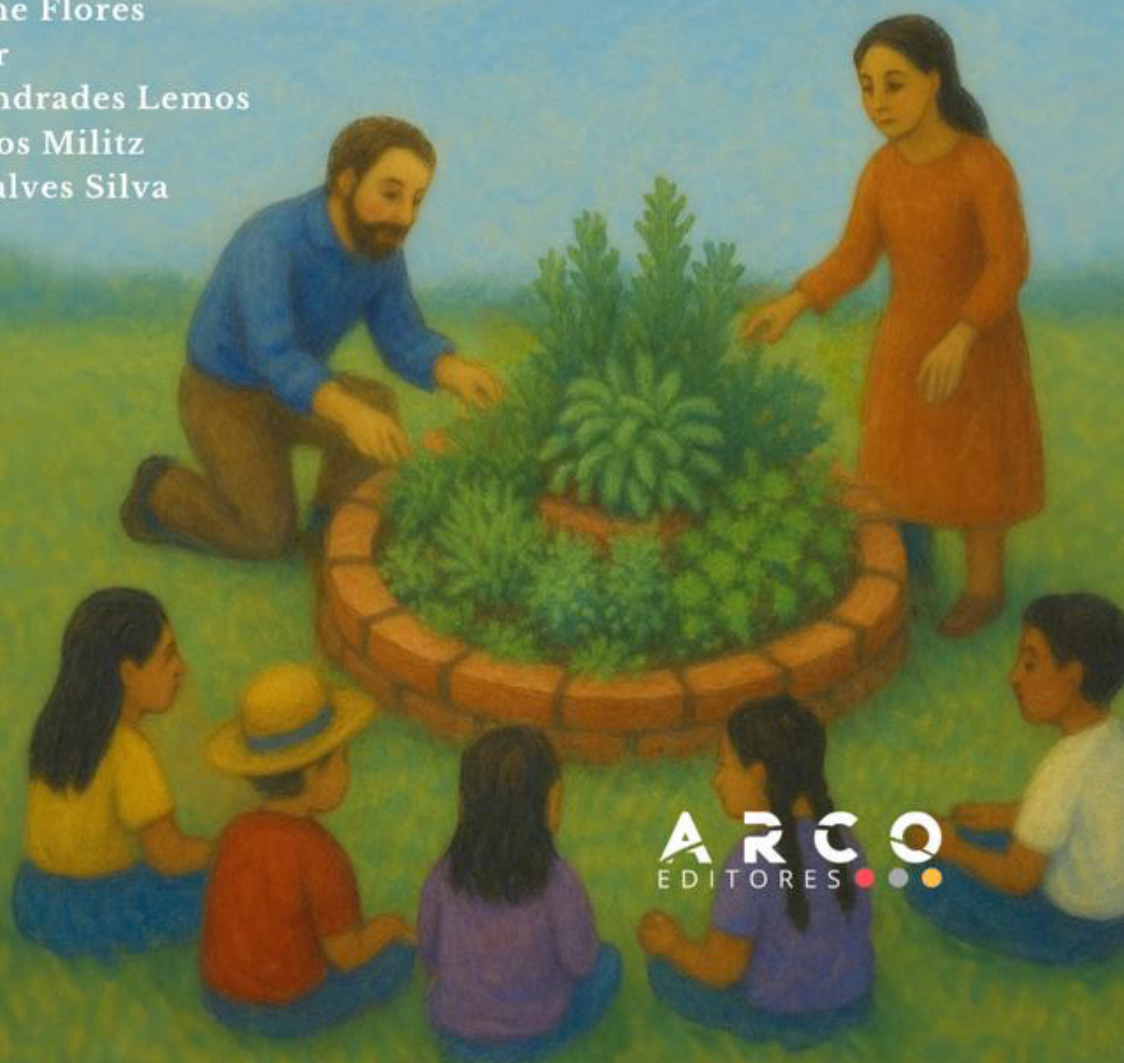
Palavras-chave: Plantas medicinais; Pampa Gaúcho; Fitoterapia; Cultivo sustentável; Saberes tradicionais.

VOZES DO CAMPO:

VOLUME 2

*Histórias de Agricultores
Famíliares e Educação*

Liziany Müller
Carmen Rejane Flores
Ivanio Folmer
Luciane de Andrades Lemos
Marcelo Ramos Militz
Mateus Gonçalves Silva



ARCO
EDITORES